



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MANOELA FREITAS E FRANCO

EDUCAÇÃO SOMÁTICA:
UM CAMINHO PELOS ESTADOS DE CRIANÇA
(FOMOS – ESTAMOS – CUIDAMOS)



Salvador
2024

MANOELA FREITAS E FRANCO

**EDUCAÇÃO SOMÁTICA:
UM CAMINHO PELOS ESTADOS DE CRIANÇA
(FOMOS – ESTAMOS – CUIDAMOS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Maria Cecília de Paula Silva

Salvador
2024

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Franco, Manoela Freitas e.

Educação somática [recurso eletrônico] : um caminho pelos estados de criança (fomos - estamos - cuidamos) / Manoela Freitas e Franco. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília de Paula Silva.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Educação somática. 3. Corpo. 4. Natureza. 5. Narrativas. I. Silva, Maria Cecília de Paula. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 306.43- 23. cd.

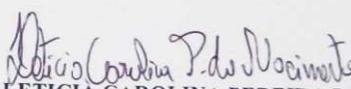


Universidade Federal da Bahia

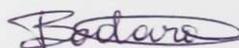
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU), realizada em 17/12/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de Mestrado em Educação no. 1, área de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, do(a) candidato(a) MANOELA FREITAS E FRANCO, de matrícula 2023109211, intitulada Educação somática: um caminho pelos estados de criança (fomos - estamos - cuidamos). Às 09:00 do citado dia, Auditório I FACED UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. MARIA CECILIA DE PAULA SILVA que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. LYGIA DE SOUSA VIEGAS, Prof. Dr. ADMILSON SANTOS, Profª. Dra. LETICIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO e Profª. Dra. TATIANA DE AMORIM BADARO. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.


Dra. LETICIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO, UFPI

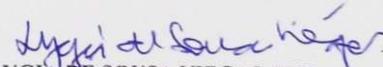
Examinadora Externa à Instituição


Dra. TATIANA DE AMORIM BADARO

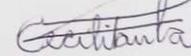
Examinadora Externa à Instituição


Dr. ADMILSON SANTOS, UFBA

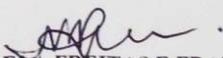
Examinador Externo ao Programa


Dra. LYGIA DE SOUSA VIEGAS, UFBA

Examinadora Interna


Dra. MARIA CECILIA DE PAULA SILVA, UFBA

Presidente


MANOELA FREITAS E FRANCO



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autor(a): MANOELA FREITAS E FRANCO

Título: Educação somática: um caminho pelos estados de criança (fomos - estamos - cuidamos)

Banca examinadora:

Prof(a). LETICIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). TATIANA DE AMORIM BADARO	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). ADMILSON SANTOS	Examinador Externo ao Programa
Prof(a). LYGIA DE SOUSA VIEGAS	Examinadora Interna
Prof(a). MARIA CECILIA DE PAULA SILVA	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). MARIA CECILIA DE PAULA SILVA

Orientador(a)

MANOELA FREITAS E FRANCO

**EDUCAÇÃO SOMÁTICA:
UM CAMINHO PELOS ESTADOS DE CRIANÇA
(FOMOS – ESTAMOS – CUIDAMOS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Salvador, 17 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora

Maria Cecília de Paula Silva – Orientadora
Doutora em Educação Física
Universidade Federal da Bahia

Admilson Santos – Examinador Interno
Doutor em Educação
Universidade Federal da Bahia

Lygia de Souza Viégas – Examinadora Interna
Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano
Universidade Federal da Bahia

Tatiana de Amorim Badaró – Examinadora Interna
Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia

Letícia Carolina Pereira do Nascimento – Examinadora Externa
Doutora em Educação
Universidade Federal do Piauí

Dedico:

A todas que vieram antes de mim e não puderam fazer diferente,
às que compartilham o agora comigo, mas também não podem fazer diferente
e, principalmente, às que podem e fazem.

Às presenças encantadas que me exigem fazer diferente.

A todas as gentes do universo, da poeira estelar à floresta,
dos igarapés aos mares,

das membranas plasmáticas às mitocôndrias.

Às simbioses e às danças cósmicas.

Ao bailado do equilíbrio e às quedas.

AGRADEÇO

Se você está lendo esta página, há duas hipóteses que consigo vislumbrar:

- 1) Você é apenas uma pessoa curiosa e que aprecia detalhes; ou
- 2) Você de alguma forma participou da construção desta dissertação.

Dessa maneira, deixo dois convites.

Se você se percebe na primeira opção, meu convite é que sua curiosidade se expanda para as outras páginas, especialmente, a subseção 2.2.1 e o Apêndice.

Mas se você compreende que participou do meu percurso como pesquisadora, convido a experimentar uma pausa e que o silêncio possa conduzi-la aos momentos em que estive comigo, escutou-me; apoiou-me; revoltou-se junto; abraçou minhas dores; sorriu com meu riso, leu meus desabafos e meus parágrafos; sugeriu leituras; compartilhou suas experiências; contagiou-se com meu desejo; ofereceu colo, foi apenas presença estando comigo; preocupou-se com meu desgaste e até mesmo duvidou de minhas decisões.

O que você sente?

O que você nota no corpo que é?

O que se presentifica em você agora?

Estou certa de que eu já lhe agradei pela sua porção que está nesta dissertação.

Agradeço outra vez.

“O mundo não foi criado,
foi construído.”

Povo Tukano

“Se existe criação
ela é algo que acontece
a todo momento
e não num evento do passado.”

Ailton Krenak

“A história apesar de sua dor agonizante
não pode ser “desvivida”.
Mas, se encarada com coragem,
não precisa ser vivida de novo.”

Maya Angelou

“Não havia no lugar
nenhum caminho de fugir.
A gente se inventava de caminhos
com as novas palavras.”

Manoel de Barros

“Como sou pouco e sei pouco,
faço o pouco que me cabe
me doando por inteiro.”

Ariano Suassuna

RESUMO

Esta pesquisa aconteceu com o desejo de apresentar a prática autoperceptiva da educação somática como possibilidade para pessoas adultas estarem consigo mesmas e interagirem com o estar criança a partir de um saber e fazer próprio. A fim de delinear essa compreensão, discuti a percepção de ser corpo no centro do saber, como porção natureza; narrando e descrevendo ações que demonstram um novo fazer diante do estar criança que fomos, do que estamos agora e do que cuidamos. Ao longo do percurso, interseccionou-se o meu fazer como ensinante-aprendente com meu estado de pesquisadora, construindo os conceitos de ARMADURA, ABERTURA, RUPTURA e ESTRUTURA, relacionados com desenhos que já faziam parte das buscas de compreensão do saber-se corpo e como isso reverbera nas relações com a vida. A ação de pesquisar se concretizou, igualmente, a partir da prática desses conceitos, o que se tornou a própria orientação do pesquisar – o corpo que eu sou no mundo, na pesquisa, na escrita, na busca pelo novo, no encontro com as pessoas – bailando e criando uma teia que se revelou, foi narrada e que ainda se estende para além de qualquer ponto final que aqui tenha sido necessário se colocar.

Palavras-chave: educação somática; autopercepção; corpo; natureza; narrativas.

ABSTRACT

This research was developed with the desire to present the self-perceptive practice of somatic education as a possibility for adults to be with themselves and interact with the being-child based on their own knowledge and practice. In order to outline this understanding, I discussed the perception of being a body at the center of knowledge, as a part of nature; narrating and describing actions that demonstrate a new approach to the being-child that we were, what we are now and what we care for. Along the way, my work as a teacher-learner crossed with me as a researcher, building the concepts of ARMOR, OPENING, RUPTURE and STRUCTURE, related to drawings that were already part of the search for understanding the body and how this reverberates in relations with life. Researching also came to fruition through the practice of these concepts, which became the guidance of research itself – the body that I am in the world, in researching, in writing, in the search for something new, in meeting people – dancing and creating a web that was revealed, it was narrated and which still extends beyond any full stop that may have been necessary place here.

Keywords: somatic education; self-perception; body; nature; narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A vida não tem rascunho	13
Figura 2 - Retalhos sagrados	15
Figura 3 - O precioso	18
Figura 4 - Caminho pelos estados de criança	24
Figura 5 - Educação somática.....	25
Figura 6 - Estados	25
Figura 7 - Estar criança.....	26
Figura 8 - Fomos-estamos-cuidamos.....	26
Figura 9 - Tirinha Armandinho	42
Figura 10 - Fracasso	44
Figura 11 - Artesanatos Sr. Adilson	50
Figura 12 - Encontro com Sr. Agnaldo e pátio do Museu da Gente Sergipana	50
Figura 13 - Seminário HCEL e Minicurso ESEB.....	51
Figura 14 - Armadura	52
Figura 15 - Armadura/Tenho corpo	54
Figura 16 - Engrenagens.....	55
Figura 17 - Educação somática/Armadura	56
Figura 18 - Abertura	58
Figura 19 - Abertura/Sou corpo.....	62
Figura 20 - Educação somática/Abertura	63
Figura 21 - Exposição Armorial 50	65
Figura 22 - Ruptura	67
Figura 23 - Educação somática/Ruptura.....	71
Figura 24 - Estrutura.....	72
Figura 25 - Curva de estados	74
Figura 26 - Educação somática/Estrutura.....	75
Figura 27 - O que vai acontecer já está acontecendo	78

SUMÁRIO

	CORPORATURA	11
1	INICIAÇÃO	19
1.1	TRILHAS CONSTRUTIVAS E DESTINANTES	27
1.2	CUIDADOS A MAIS.....	35
2	NÃO CHORA, NÃO FOI NADA: HISTÓRIAS QUE NOS CONSTROEM	37
2.1	HISTORINHA PARA ACORDAR	41
2.2	HISTÓRIAS DE ESTAR ENSINANTE-APRENDENTE	42
2.2.1	Tudo bem? Tudo bem! Como é tudo bem?	46
2.3	HISTORINHA DO CAMINHAR: ENCONTRO E REGISTRO	48
3	ARMADURA	52
3.1	HISTORINHA DO CAMINHAR: INCERTEZAS E DESABROCHAR.....	57
4	ABERTURA	58
4.1	HISTORINHA DO CAMINHAR: CORES E AMORES	63
4.2	HISTORINHA DO CAMINHAR: SONS	65
5	RUPTURA	67
5.1	HISTORINHA DO CAMINHAR: HONRA E BENÇÃO	70
6	ESTRUTURA	72
6.1	HISTORINHA DO CAMINHAR: CONFLUÊNCIA	75
7	O QUE VAI ACONTECER JÁ ESTÁ ACONTECENDO	78
	FONTES DE INCORPORAÇÕES	81
	APÊNDICE – VIAGEM AO CORPO QUE SOU	89

CORPORATURA

Escolher escrever é rejeitar o silêncio.
(Adichie, 2015)¹

Antecipando as rupturas, resolvi nomear cada seção desta dissertação com palavras que se relacionassem intimamente com o fazer que se delineou ao longo do percurso de investigação. Assim, CORPORATURA está no lugar de APRESENTAÇÃO. Corporatura é como algo se apresenta materialmente no mundo do qual fazemos parte. Lanço aqui meu desejo de que minhas outras escolhas sejam compreendidas pelo sentido que forem se construindo ao longo da leitura.

Outra decisão que me pareceu inevitável foi escrever em primeira pessoa. Sinto que a escrita acadêmica em terceira pessoa é, muitas vezes, como um escudo de proteção com poderes mágicos que nos retira do contato imediato com quem nos lê. Uma tentativa vã de nos retirar da própria pesquisa, deixar-nos salvaguardadas do devassamento. Quanto mais estudo, pesquiso e vivo, percebo que não tem como escapar desse desvelar (Macedo; Gallefi; Pimentel, 2009).

Da mesma forma, assumo aqui o feminino para minha escrita. Porque sou mulher, mas também para o gênero de pessoa. Homem, mulher, cis, trans ou não binária, somos pessoas, no feminino, portanto, sempre que me couber, farei essa opção, rejeitando, desde já, a falsa medida do homem como representação da humanidade (Gould, 2014); na tentativa de incluir, ao invés das exclusões premeditadas baseadas no eurocentrismo, sexismo, capitalismo, binarismo, racismo, cristianismo, que exorciza corpos diferentes às suas imagens criadas como padrão (Matos-de-Souza, 2024).

Outra escolha é de escrever a palavra ciência ou qualquer outra que se refira a alguma especificação de conhecimento em minúsculo. Como mais um exercício de fazer diferente e se contrapor à disciplinarização do conhecimento, de redução e separação de porções da vida como objeto analisável numa lâmina única, desconsiderando todas as camadas, véus, filetes, veias e raízes que compõem nossa complexidade. A ciência com “C” maiúsculo cancelou a dignidade das pedras, das plantas, da maioria dos bichos e da maioria das pessoas, e sua ideologia é a “dessubjetivação absoluta da realidade” (Castro, 2023, p. 4).

¹ Original: “To choose to write is to reject silence”. Tradução minha. Fragmento da palestra de Chimamanda Ngozi Adichie no PEN World Voices Festival, realizada em 10 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/may/11/chimamanda-ngozi-adichie-fear-causing-offence-a-fetish>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Nesse sentido, Krenak (2019) atribui a ideia de humanidade a uma ilusão porque é fruto da cisão racionalista entre ser humano e ser natureza. Ao acreditarmos que para existir precisamos pensar, retiramos o corpo da equação e o corpo é, justamente, o que nos faz viva; o corpo é nossa natureza, nossa porção no organismo maior que é a Terra.

Assim, não há pensamento que exista fora do corpo; a condição material para vivermos é o corpo; somos corpo (Medina, 1983; Araújo, 2008). “O meu corpo sou eu” (Bois, 2008, p. 31). E sinto, da mesma forma, que não há pesquisa sem pesquisadora, sem o pouco que sou e com muitos dos meus estados.

Diante da elucidação de Krenak (2019), lembro-me de quando era criança e, definitivamente, sentir que era natureza, sendo muito difícil entender as exigências para não ser. Passava horas a fio no jardim, no quintal, nos pastos, no rio das roças onde morei, e, depois de ter ido morar na cidade, voltava para passar finais de semana e férias. Com plantas, terra, animais, águas, vento, sol, rochas, eu era corpo e, por isso, natureza.

Acreditar que pensamos para existir, nos coloca numa enrascada de que há o pensar correto, o modo, a maneira, o padrão, o normal, e nos afasta das muitas possibilidades de ser natureza em sua diversidade infinita e impermanência de formas que é a sua própria essência. Natureza é tudo, somos nós e tudo o que há no universo, mas é também nossas ações no mundo e o mundo que vivemos depende da maneira como o percebemos, como entendemos o que somos, se somos parte ou não da natureza. Como nos percebemos condiciona nosso agir no mundo (Castro, 2019).

Quando criança, eu me sentia parte e completamente aberta para todas essas possibilidades, mas sentia também a opressão em ser moldada por determinados padrões. Foi conflituoso experimentar em mim tanto desejo a explorar, ser natureza e, ao mesmo tempo, estar diante de tantas limitações por estar criança, menina, ter que pensar e agir de determinada maneira para ter minha existência reconhecida.

Pessoas adultas, em diferentes gradações, são, fatalmente, reprodutoras de um sistema de padronização da vida porque passaram por esse processo de constituição formatada. A responsabilidade de gerar, cuidar e fazer uma vida vingar impele o medo de falhar sob a luz da civilização (Arendt, 1961). Dessa forma, é melhor seguir o roteiro incontestável, o modelo estabelecido, conhecido, e que, afinal, deu certo: “estou aqui viva”. Eu me pergunto a que custo estamos vivas explorando tão reduzido espectro de vida.

Assim, o medo de errar faz com que erremos mais do que se estivéssemos abertas a novas percepções, porque acabamos por reproduzir um modelo falido que nos mantém vivas a

um custo altíssimo. Em vista disso, “as grades do condomínio são pra trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que tá nessa prisão”².

Como muitas pessoas enquadradas em lógicas restritas, meu estar criança esteve sujeito aos desmandos do temor de minha mãe e de meu pai de que eu “desse errado”. Meu pai e minha mãe me deram e me dão até hoje muito amor, apoio e compreensão, mas erraram por medo de falhar como responsáveis, porque não sabiam fazer diferente, porque foram criados também pelo receio de errar. Um ciclo que se reproduz não sei desde e nem até quando, mas almejei com este estudo – e o faço, diariamente, com a prática que ensino – remexer essa estrutura predefinida.

É desconfortável entrar em contato com o terror do erro, da dor, do desconhecido. Entretanto, essa é minha condição para viver e trabalhar, foi também para realizar esta pesquisa. Transformar esse desconforto num farol para um lugar de conforto, de bem-estar e de segurança para o estar criança que fomos, que podemos estar e que cuidamos, uma costura que se pretendeu consistente entre denúncia e anúncio.

Figura 1 - A vida não tem rascunho



Fonte: Acervo pessoal, pintura de Original Ateliê.

Não podemos evitar o erro mesmo que percorramos caminhos já trilhados, o próprio caminho pode ser o erro. A vida não tem rascunho e os erros a compõem. Entretanto, reconhecer

² MINHA alma (A paz que eu não quero). Intérprete: O Rappa. Compositor: Marcelo Yuka. In: LADO B Lado A. Intérprete: O Rappa. Rio de Janeiro: WEA, 1999. 1 CD, faixa 6 (5 min 2 s).

que há outras possibilidades, apesar dos erros e medos, é um modo de nos lançar à vida, ao novo, admitindo a impermanência e a diversidade como essência vital da existência. A tentativa de determinação é contrária ao “jogo dançante do existir” (Araújo, 2008, p. 79).

Refletir sobre o que é a tentativa de determinação é fundamental para os deslocamentos que entendo como necessários a se fazer. A realidade concreta historicamente construída constitui as ideias e não o inverso. “Não se pode entender as produções culturais, sejam elas científicas ou não, fora da história econômica, social e política, pois seu sentido só se revela como parte da história” (Patto, 2022, p. 102). O sistema ideológico pretende tomar as ideias como independentes da realidade histórica, de modo que as ideias explicam determinada realidade quando, de fato, é essa realidade que torna as ideias compreensíveis (Chauí, 2008).

O corpo (a realidade) está inventando o tempo inteiro, é a cabeça (sistema ideológico) que adora repetir.³ Sinto meu trabalho como educadora somática, o qual exerço na concepção de ensinar e aprender concomitantemente, como uma forma de provocar deslocamentos a partir de uma reflexão da realidade histórica em favor de nós mesmas e do estar criança, para garantir o essencial: sentir.

Da mesma forma, percebo a educação somática como uma ferramenta para a “tomada de consciência”, definida por Paulo Freire não como algo que se saiba, algo que se diga apenas, mas algo que implica um engajar, um fazer político e social sem o qual não podemos transpor a percepção da realidade reduzida ao raio curto do conforto, do privilégio e, até mesmo, das opressões arraigadas estruturalmente (O Exílio, 2018).

Como hooks (2017) diz ter aprendido com Freire, e ele também revela tanto ter aprendido com ela, eu aprendi com ambos a fé na educação libertadora, de que é possível ensinar-aprender, ao passo que se consegue não reproduzir sistemas de dominação existentes, a partir de um processo irrestritamente ligado à autoatualização, nas palavras dela, nas minhas, autopercepção, bem como no questionamento constante da cisão entre corpo e mente. Um engajar que não subsiste apenas capacitando a aprendente, mas que carece visceralmente de um risco assumido pela ensinante de partilhar suas próprias narrativas e que sejam, na verdade, as primeiras a correr o risco, mostrando que a experiência ilumina e amplia a compreensão, ao passo que elimina a possibilidade de atuarmos reforçando cisões e opressões.

Um engajamento, portanto, que pulsa pela mudança mantenedora da própria vida, proposta quando a sociedade gesta necessidades radicais que só podem ser resolvidas com rupturas estruturais e históricas, cuja dialética do método está na busca e na descoberta da poesia

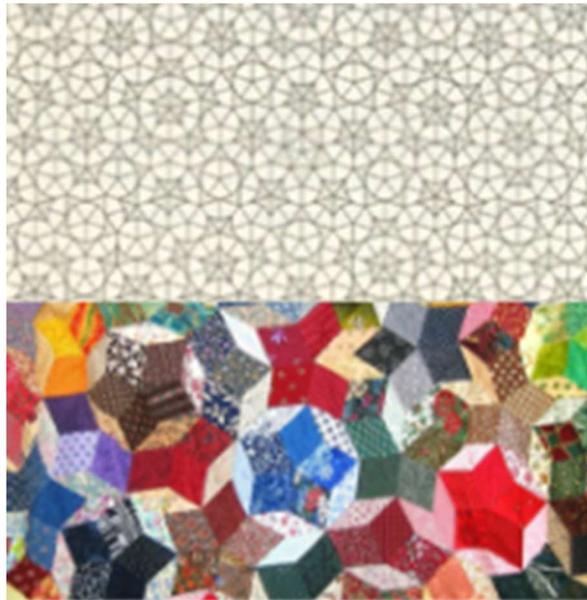
³ Referência à frase “O corpo todo inventa; a cabeça adora repetir” (Serres, 2004, p. 17 apud Araújo 2008, p. 79).

da vida, pois sem poesia a ciência social “não é mais do que sofisticado e sisudo engano” (Martins, 2014, p. 112).

Estou cá, por conseguinte, em busca dessa poesia, nas agruras do visível, do que nos toca e nos afeta, entregue ao destino da existência, de se encantar no encontro, no gozo de se reconhecer, ainda que em arestas obtusas e absurdos nefastos e, no mesmo átimo, perceber-se amparada em luminosidade própria, particularidades essenciais da humanidade capaz de não se iludir, ser dádiva e pântano. Entre lama e lótus há um singular percurso (Franco, 2024).

Como ensinante-aprendente, percebo meu labor como uma colcha de retalhos, daquelas muito bem elaboradas que formam desenhos impressionantes por meio de pequenos pedaços unidos, algo que beira as formas e as maneiras da geometria sagrada.

Figura 2 - Retalhos sagrados



Fonte: Compilação minha⁴.

Uma porção importante da minha formação se deu quando ainda era uma adolescente e ingressei na graduação em direito (como Freire e Suassuna, sinto-me absolvida). Cheia de ideais, queria consertar o mundo fazendo a coisa certa. A escolha pelo curso também foi uma decisão movida pelo desejo de estar certa, de ser reconhecida. Foi uma grande frustração que gerou um aprendizado de igual dimensão.

Desiludida pelos caminhos espinhosos da advocacia, decidi que o serviço público me daria segurança e tranquilidade para me dedicar a outros interesses. Alocada no interior

⁴ Montagem a partir de imagem do livro *Geometria Sagrada*, de Miranda Lundy (2000) e de imagem do site Crônicas de Categoria (<https://cronicasdecategoria.com/2016/07/26/colcha-de-retalhos/>).

longínquo da Bahia, encontrei nas comunidades locais espaço suficiente para trocas de saberes que me puseram no centro da minha existencialidade (Josso, 2012) e me convocaram como uma educadora no conceito freiriano (Freire, 1987): para aprender com pessoas mediatizadas pelo mundo, um estar sendo ensinante-aprendente. Alfabetizando uma pessoa adulta, ensinando ballet para crianças, buscando em mim meios para ensinar o que eu sabia, mas, principalmente, encontrando o que eu nem sabia sobre mim.

A dança me apresentou uma maneira de estar em mim e de disponibilizar minha presença para as pessoas. Acredito que me mover num ritmo e experienciar o encontro a partir desse movimento em que expresse-me, posicione-me e disponho-me foi um fator fundamental para os deslocamentos que fiz no meu percurso. Entretanto, até chegar nesse ponto, vivenciei a opressão da disciplina, da maneira correta de executar um passo, da exigência por um padrão para o corpo, da atuação de uma professora que reproduzia opressões, das limitações sexistas.

Nesse sentido, vejo uma interlocução importante entre circunstâncias que compõem a mesma situação. Um ponto de intersecção e elementos de gradação que nos tiram dos lugares estanques. Fiz o curso de direito porque queria fazer a coisa certa, deparei-me com muitas coisas erradas; descobri a liberdade na dança, depois de me sentir muito presa nela mesma; busquei o serviço público para me sentir segura, experienciei o mais alto nível de insegurança submetida a hierarquias e jogos de poder. Definitivamente, isso me impulsionou a buscar por entendimentos que elucidassem o que havia nos pontos de intersecção e entre eles.

Costumo dizer que a vida não é nem um tecido de caos, muito menos um tecido de estabilidade, a vida está no movimento da linha entre muitos tecidos, “a agulha do real nas mãos da fantasia”⁵. O que entendemos por estabilidade está repleto de engendramentos sociais, culturais, sistêmicos, e igualmente o que compreendemos por caos. Algo que nenhuma única teoria seria capaz de explicar (Minayo, 2002), mas que o corpo que somos, de uma maneira única, deslumbrantemente, é capaz de sentir.

Tenho apelado para nossa capacidade de sentir, entrando em contato com a minha própria. Fiz isso de maneira intuitiva por muito tempo, mas depois que paralisei num dos pontos estanques do caos, rodopiei por formações que fizeram muito sentido, mesmo que pela exposição de pontos de incongruência, conformando degraus que me fizeram chegar neste Programa de Pós-Graduação em Educação.

⁵ A LINHA e o linho. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. *In*: EXTRA. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA Discos, 1983. 1 disco de vinil, lado A, faixa 4 (3 min 8 s).

Pelos pontos de incongruência, certamente, a especialização em psicopedagogia que me levou a contrapor à adoção de modelos de aprendizagem, estimação de expectativas de desenvolvimento e valorização de teorias que ignoram pontos outros de percepção.

Pela coerência, a formação denominada aprender em comunidade, liderada pelo professor José Pacheco, que me capacitou com ferramentas importantes para compreender e agir nos processos de aprendizagem a partir de uma amplitude que aproxima o aprender do viver.

E mais profundamente, a formação em experiência somática, um processo intenso ao longo de três anos que nos coloca diante de um sentir interno para, principalmente, mover a percepção que formamos do nosso entorno e de como a ele reagimos, integrando porções nossas antes inacessíveis, registrando novas informações, criando outros caminhos para agir de modo mais coerente com a expansão de contato com a realidade.

Assim, o que eu já fazia há muitos anos, voluntária e informalmente na vida ou engajada em projetos sociais, foi ganhando traços formais e evidentes que se configuraram num ofício. Há cinco anos, tenho exercido esse fazer de educar para o corpo que somos que se traduz cristalinamente na expressão ensinante-aprendente (para mim) e aprendente-ensinante (para quem está comigo), embarcando na aventura que é aprender se sabendo, abarcando as muitas frações de experiências que me fizeram e tantas outras que me fazem dia a dia no contato, na presença, no cuidado, no zelo, na atenção, na consciência, na abertura para estar atravessada pelos encontros que a vida proporciona.

Mesmo tendo trilhado meandros que me desviaram de lugares onde a certeza não parecia real, e tendo capacidade suficiente para estar com o desconforto das incertezas⁶, cheguei à academia, à pesquisa e a este Programa de Pós-Graduação em Educação, em busca, justamente, de certezas.

Entendo hoje que buscar por certezas é um padrão, uma pré-concepção que possivelmente sempre irá me provocar, convocando-me para um agir baseado nela porque está na minha estrutura, marcas do caminho estreito das armaduras. O desafio é manter-me atenta para atualizar o itinerário (Josso, 2012) e não me permitir ser inundada pelas águas passadas para reproduzir os padrões nem me negar a perceber o precioso que não deixa dúvidas, revelar-se sem esforço. Apenas sentir, em vez de ter qualquer atestado.

⁶ Baseado na fala “A incerteza é desconfortável, mas a certeza não me parece real.”, da personagem Julia Dupree (interpretada por Reiko Aylesworth), uma capelã, no seriado *E.R.: Plantão Médico*. ATONEMENT. In: *E.R. Plantão Médico*. Direção de Stephen Cragg. Seriado de televisão. EUA: NBC, 2008. Temporada 14, episódio 13 (43 min).

Figura 3 - O precioso



Fonte: Laura Berbert (<https://lauraberbert.com/produtos/o-precioso/>)

1 INICIAÇÃO

Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade.
Não como um ponto de chegada.
Mas como um percurso que vasculhe ambientes
e dê início a um quebra-cabeça [...].
(Tenório, 2020, p. 6)

Esta pesquisa aconteceu a partir de uma abertura para perceber e aceitar o fluxo do acontecimento. Uma permissão para abdicar da pretensão de chegar em um ponto e percorrer os caminhos que se abriam diante de mim, que, vasculhados, anunciaram a peças que seriam integradas aqui. O projeto inicial que foi admitido pelo programa tinha a intenção de ir a campo para observar como a apreensão da ferramenta de senso percepção poderia contribuir para a educação infantil. De fato, essa observação já acontecia na minha prática profissional e, naquela época, eu acreditava que precisava revesti-la de cientificidade, encontrando algum tipo de verdade.

Ao iniciar as atividades do programa como aluna regular, fui entrando em contato com as possibilidades e qualidades da pesquisa em ciências humanas e sociais, descobrindo que havia um rigor outro que se voltava para as experiências vivenciadas e reconhecia nelas o valor não somente científico, mas vital (Galeffi; Macedo; Pimentel, 2009).

Foi a professora Denise Guerra, na aula do componente obrigatório abordagens e técnicas de pesquisa em educação, ministrada no primeiro semestre de 2023, a primeira a mencionar a pesquisa (auto)biográfica como um caminho possível e a identificar no meu desejo de pesquisa traços da pertinência desse caminho para mim.

Entretanto, eu ainda não tinha elementos suficientes para assimilar aquele caminho como possível. No corpo que sou, mergulhada nas águas das incertezas, não havia ainda um registro que possibilitasse acessar aquela via. Não adianta que apenas a cognição acesse a informação, o corpo em sua unidade também precisa experimentar para sabermos e fazermos. Se não soubermos a partir da unidade entre corpo e mundo, da experiência do fazer, o saber torna-se apenas uma anotação num caderno, um trecho grifado num livro, a lembrança de uma fala da professora; afastado da concretude do fazer que se sustenta e, por isso, move.

Contudo, no componente projeto de dissertação tive mais contato com as metodologias e técnicas de pesquisa e dois momentos marcantes viraram a chave para que eu compreendesse o lugar do meu pesquisar. O primeiro, quando o professor Ronaldo Venas proporcionou um encontro com o professor Jonei Barbosa, o qual fez uma exposição minuciosa sobre

modalidades de pesquisa com quadros explicativos que acenderam em mim o entendimento de que minha pesquisa podia se localizar na circunferência das narrativas (auto)biográficas.

Naquele ponto, eu estava numa segunda versão do meu projeto de dissertação, em vias de apresentá-lo no componente para receber o parecer de uma colega e do professor. Essa versão tinha se afastado da pesquisa de campo, pois já a tinha compreendido como grandiosa demais para o cronograma do mestrado, mas, também, da questão inicial que era demonstrar a minha prática com educação somática como uma ferramenta que colabora para a interação de pessoas adultas com crianças.

Todavia, mesmo afastada da minha intenção inicial para a pesquisa, quando apresentei o projeto na atividade do componente, a colega parecerista, Carle Teles, o professor Ronaldo e, uma outra colega, Indiana Souza, perceberam o quanto era forte em mim o desejo de compartilhar minhas experiências. Esse foi o segundo marco que me fez ajustar minha rota e retomar o rumo de coerência entre o querer, o saber e o fazer.

A tentativa de me afastar do saber da minha experiência se relaciona justamente com a ideia constituída e fixada de que há um saber correto ou mais valioso. Estar certa foi um lugar fixado que experimentei diante da educação que me formou. Ser comportada, obediente, tirar notas boas. O “normal” esperado do estar criança que nos aflige ainda na vida adulta.

Nesse ponto, surge meu aprofundamento no conceito de medicalização da vida. Antes de entrar como aluna regular, me aproximei do grupo Despatologiza, ligado a Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME), quando participei do congresso da associação, primeiro como ouvinte e depois apresentando um relato de experiência. Ao entrar no programa, pude cursar dois componentes com a professora Lygia Viégas, que integra o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade e promove debates intensos sobre o conceito e reflexões a respeito dos atravessamentos na vida cotidiana de um modo de pensar reducionista, determinante e formatador que invisibilizam a complexidade da vida (Fórum, 2020).

Assim, a medicalização da vida, muito mais do que simplesmente o termo pode remeter, relaciona-se com a inversão da competência pela vida, em que a técnica assume a direção, governa e minimiza o viver. É justamente uma maneira de pensar que reduz, determina e formata, mas a vida prescinde do pensamento, do domínio, da determinação, é o pensar que, ao menos, deveria advir da vida e não o contrário (Harayama; Ribeiro, 2023).

Como já disse, a realidade concreta historicamente construída constitui as ideias e não o inverso. O sistema ideológico pretende tomar as ideias como independentes da realidade histórica, de modo que as ideias explicam determinada realidade quando, de fato, é essa

realidade que torna as ideias compreensíveis (Chauí, 2008). Assim, a existência não depende do pensamento e, sim, o pensamento é produto dela.

Nesse sentido, Freire (2011) nos ensina que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, ou seja, primeiro sentimos, percebemos, existimos, e o pensamento é fruto desse compilado de captações. Não obstante, há engrenagens sociais que colaboram para um contato restrito com a realidade, institucionalizam a disciplina e submetem o agora a um futuro determinado. E a educação não deveria ter a ver com futuro, “afinal ele é imaginário, e a educação é uma experiência que tem que ser real” (Krenak, 2022a).

A minha prática como ensinante-aprendente se baseia principalmente numa tentativa de romper com o que já aprendemos ao imaginar futuros e nos abrir para possibilidades reais, o que remete, muitas vezes, a um desaprender. É ao que Josso (2012, p. 20) nos convida quando sinaliza que as formações devem trazer novidades e mudanças, exigindo “desaprendizagens” que implicam um abandono de hábitos antigos que são freios à criatividade.

Esse processo de desaprender exige um movimento interno em consonância com nosso entorno, uma investigação interna a partir do que percebemos externamente (Bois, 2008), de modo que a experiência está no “como”, de que maneira o que acontece nos afeta. Essa é, para mim, a definição do saber somático, o saber sobre si, sobre seus estados e percepções, dar-se conta da própria presença no mundo com a massa, o peso e a gravidade que ela requer. É romper com a organização que nos retira o saber sobre o corpo que somos, para que só nos aconteça o que for conveniente aos possíveis estabelecidos (Kilomba *et al.*, 2022).

Dessa forma, resgatar a percepção do corpo que somos, dos nossos estados e das sensações presentes é um projeto de conhecimento, de saber e reconhecer o que somos, sentimos, pensamos, experimentamos, fazemos, valorizamos e desejamos para nós, com os outros e no ambiente, envolvendo nossos diferentes estados perante a vida, seus desafios e prazeres, para desenvolver a capacidade de multiplicar, alargar e aprofundar as nossas sensibilidades, questionando as nossas categorias mentais inscritas na historicidade e na cultura (Josso, 2012). Esse processo de se saber, de tomar consciência de si, é uma atividade, sentir, um fazer autorreflexivo que se orienta retrospectiva e prospectivamente, considerando a inserção do centro da existencialidade nas dimensões social, história e cultural (Freire, 2018; Finger, 2014; Josso, 2012)

Assim, sentimos, primeiramente, por intermédio dos primeiros cuidadores, em geral, pai e mãe. Figuras detentoras de privilégio moral elevado ao nível de sagrado que dificulta a possibilidade de novas acomodações para o exercício da responsabilidade. Não como um poder

naturalizado, mas como uma capacidade de responder falível e, por isso, passível a outros modos de ser exercida (Miller, 2011).

Para além da parentalidade, pessoas adultas que tiveram seu estar criança experimentado restritamente participam do engendramento social de maneira a conservar a percepção limitada do sentir. O estar criança, bem como outros estados, tem sido alvo da medicalização (Angell, 2011; Conrad, 1992), entendida, principalmente, como a tentativa de objetivar a vida humana, controlando-a, limitando-a e obstruindo seu acesso a modos plenos de sentido (Almeida; Gomes, 2014).

A essência da vida, da natureza, é a diversidade e a impermanência. Assim, espera-se que inúmeros estados e formas de vida possam se estabelecer. Entretanto, o viver tem sido formatado de maneira que apenas determinados espectros sejam aceitos e dignos. Quem explica a gênese desse equívoco é Krenak (2019), quando diz que vivemos a ilusão de ser humanidade. Uma vez humanos, deixamos de ser animais, natureza impermanente e diversa, objetificamos e buscamos por estados únicos para nossos corpos, estáveis, infalíveis, imunes à dor e ao tempo (Galeano, 2023).

O corpo que é objetificado não tolera o diferente. “O grito de desespero e o gesto de revolta são estrangulados na fonte” (Illich, 1975, p. 117). O corpo que somos não tem fronteira de qualidade com os outros organismos que estão ao seu redor, a única fronteira é a pele.

Faz um tempo que nos convencemos de que somos essa coisa excelente chamada gente e ficamos sem querer nos espriar em outros organismos para além dessa sanitária e higiênica figura humana. Essa configuração do corpo acatada hoje por muitos é apenas uma instituição pobre fabricada por uma civilização sem imaginação (Krenak, 2022a, p. 21).

Da filosofia grega à fundação do racionalismo por Descartes, passando pelo cristianismo, o processo civilizatório, baseado nessas ideias, nega e macula o corpo e a vivência da corporeidade, reduzindo a existência ao pensar por intermédio da razão ou da alma, as quais não descobri ainda onde ficam, se é numa caneca ou em alguma nuvem (Araújo, 2008).

A filosofia grega, considerada um pilar da cultura ocidental, percebe o corpo como um grande obstáculo na busca da verdade e da sabedoria, enquanto a alma é a propícia e única maneira de ir ao encontro do verdadeiro conhecimento, mas, presa ao corpo, é enganada pelos sentidos (Araújo, 2012).

O racionalismo demonstrado por Descartes cinde inexoravelmente corpo e mente, considerando que a existência depende do pensar. Um pensar autônomo que prescinde do corpo,

uma conclusão originada na busca por uma certeza estanque, por princípio filosófico que fosse imune à hesitação (Damásio, 2012).

O moralismo cristão, no mesmo sentido dicotômico, conjura ao corpo o vício do pecado e, ao espírito, a nobreza do sagrado. Dessa maneira, quanto mais nos aproximássemos de ser corpo, mais distante estaríamos da dimensão divina. Negar o corpo seria, nessa lógica, a destinação para libertação, para a santidade tão almejada (Slominski; Almeida, 2019).

Entretanto, se negamos o corpo, negamos a própria existência. A condição material para estarmos vivos é o corpo, não há vida nossa fora dele. Separar corpo e mente tem similar propósito da separação meio e fim nas atividades produtivas, nas especializações laborais e nas individualizações de circunstâncias coletivas. Perdemos o fio da meada, a ideia de todo e, principalmente, o senso de pertencimento.

A disciplina para os corpos se inicia muito cedo. É no estar criança que entramos em contato com o ideal, o estado de normal, boazinha, obediente, que não dá trabalho e deixa todos os adultos felizes. Um fardo que transforma esse estado num período de espera agonizante pela vida adulta, quando se espera poder mandar em vez de ser mandado (Freire, 1987; Martins, 2009).

A educação somática é uma ferramenta para compreender a si, autoperceber-se diante da docilização dos corpos, trazer à consciência e à presença a capacidade de captar, apreender, transformar e criar, numa recusa a ser espaço vazio passível ao preenchimento por conteúdos não vivenciados e incompreendidos (Freire, 1996).

Por isso, percebo como necessária uma conversão da percepção do corpo, principalmente na educação, não mais como um signo, um símbolo, uma metáfora, mas como agente e paciente da vida, agente com o sentido de autora da vida, paciente com o significado de lugar onde a vida se estabelece e é percebida pela subjetividade própria de cada uma. O corpo como condição sem a qual não há vida. E, assim, faz-se urgente a produção de conhecimento “que coloque o corpo no centro da aprendizagem, abandonando, ao mesmo tempo, a separação cartesiana entre sujeito e objeto e baseando-se desta vez no conhecimento da experiência corporalizada” (Bois; Rugira, 2006, p. 32).

Assim, a prática de se perceber diante do mundo, a partir de uma percepção interna do que se move em contraponto ao que afeta, é um aprendizado importante trazido pela educação somática que possibilita uma produção de saber interno e pode, portanto, ser uma aliada à criação de autonomia frente à apropriação dos meios de vida e dependência dos saberes produzidos por prescritores de comportamentos e condutas (Nunes, 2021).

Dessa forma, esta pesquisa pretendeu apresentar como a prática autoperceptiva da educação somática pode contribuir para que pessoas adultas possam entrar em contato com: elementos constitutivos de sua existência (o estar criança que fomos) – ARMADURA; outros saberes e estados possíveis de contato com a existência (o estar criança que estamos) – ABERTURA; fazeres e invenções da existência (o estar criança que cuidamos) – RUPTURA; coexistência e reorganização desses estados (o que fomos, o pouco que somos, o que estamos e como cuidamos) – ESTRUTURA.

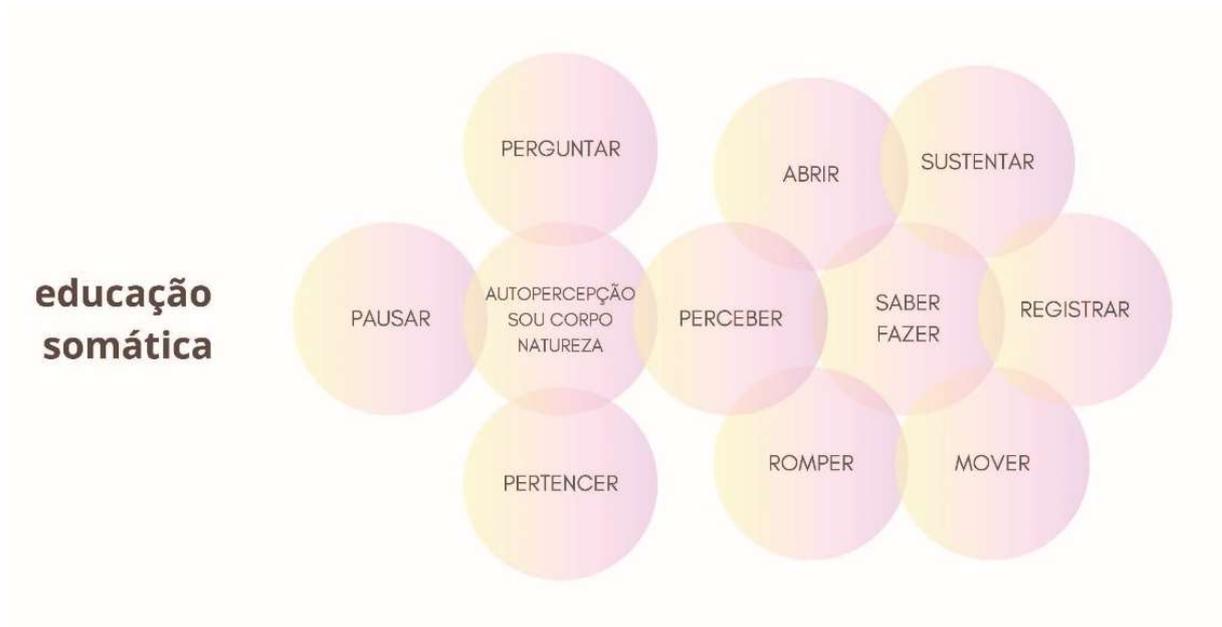
A pesquisa, portanto, foi sobre estar criança e não sobre crianças ou infâncias. Estados experimentados ou deixados de ser sentidos por nós pessoas adultas; responsáveis, que podemos responder e ampliar nossa capacidade responsiva; com uma percepção retrospectiva para o estar criança que fomos para compreender os estados que ainda nos perfazem, para podermos cuidar de outras maneiras, oferecer a possibilidade do novo, da descoberta, da criação e da invenção, para o que fomos, como estamos e de quem cuidamos.

Figura 4 - Caminho pelos estados de criança



Fonte: Produção minha (2024).

Figura 5 - Educação somática



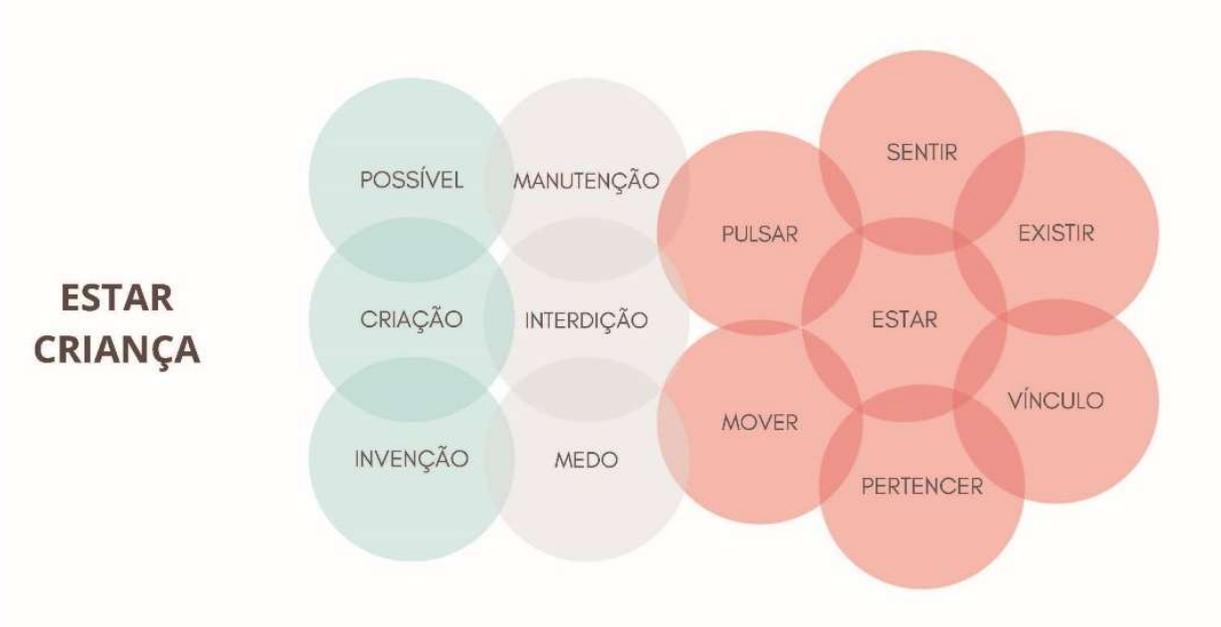
Fonte: Produção minha (2024).

Figura 6 - Estados



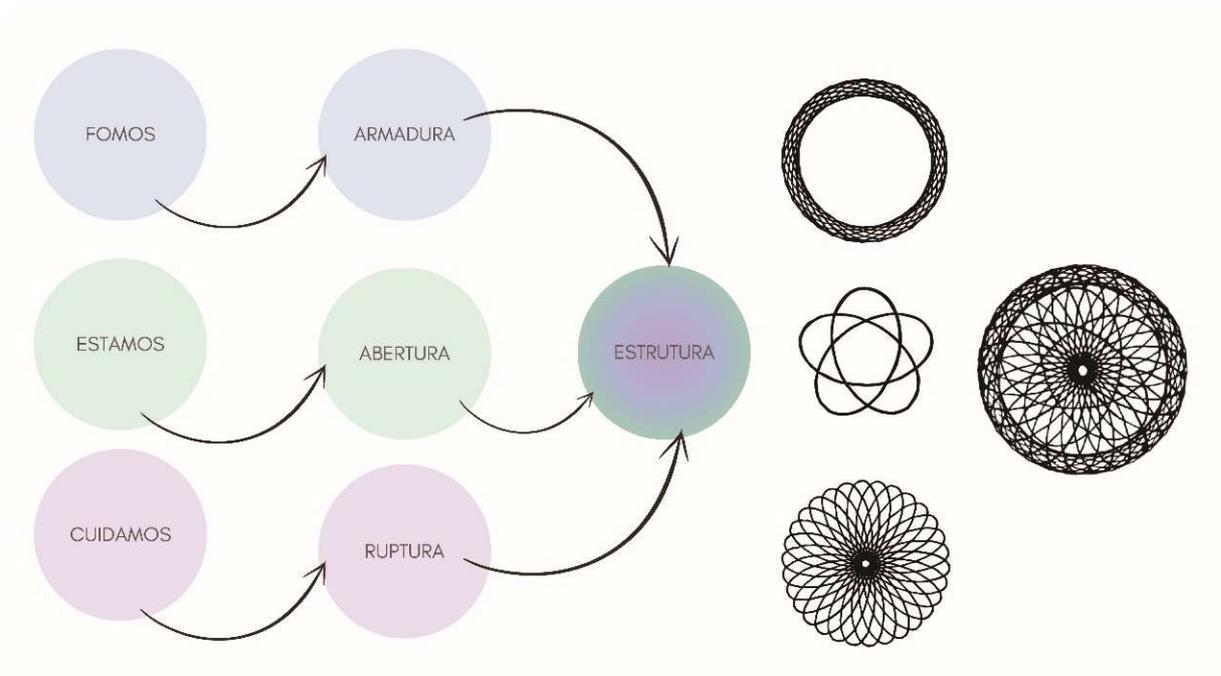
Fonte: Produção minha (2024).

Figura 7 - Estar criança



Fonte: Produção minha (2024).

Figura 8 - Fomos-estamos-cuidamos



Fonte: Produção minha (2024).

1.1 TRILHAS CONSTRUTIVAS E DESTINANTES

Transformar a vida socioculturalmente programada,
numa obra inédita a construir, guiada por um aumento
de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a
transformação da abordagem Histórias de Vida.
(Josso, 2012, p. 22)

Certa vez, conversando com uma grande amiga, Fernanda Portela, sobre metodologia da pesquisa científica e a dificuldade que eu tinha de compreender as denominações e definições sobre o tema, ela me disse: “Não se preocupe com os nomes, quem quiser que dê os nomes, se preocupe em dizer o que e como você está fazendo”. Veio como um bálsamo sua fala, entretanto, segui compelida a encaixar a minha pesquisa em parâmetros acadêmicos.

Rubem Alves (2011, p. 249) diz que “um olhar pode tranquilizar ou amedrontar, mesmo que a boca não diga nada. A tranquilidade excita a inteligência. O medo paralisa. Uma criança amedrontada não pode aprender”.

Preciso dizer que a academia, muitas vezes, tem esse “olhar” amedrontador que imprime paralisia, o que, inevitavelmente, experimentei no percurso da realização desta pesquisa, principalmente por, muitas vezes, não saber como denominar e encaixar nos métodos e nas bases epistemológicas meus desejos de construção.

Uma compreensão que alcancei foi que as conversas ajudam tanto quanto os textos científicos, porque logo depois dessa conversa com minha amiga, a professora Lygia Viégas, após um apelo meu, sugeriu-me Marli André (2013) como referência para a pesquisa qualitativa em educação, e essa foi uma das primeiras coisas que li:

Acontece que nem sempre existe uma classe – ou tipificação – em que se pode enquadrar a pesquisa! Entretanto, como existe essa crença de que é preciso nomear, nos defrontamos com as mais esdrúxulas situações, como, por exemplo, um Programa de Pós-Graduação cujas teses e dissertações analisei, em que quase a totalidade das dissertações era classificada como exploratória. [...]

Na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. [...]

Desse modo, a definição do tipo de pesquisa torna-se um dos itens a ser mencionado na metodologia, se a sua tipificação for evidente, mas não é algo imprescindível, principalmente se não se tem ainda uma designação apropriada para identificá-la.

De acordo com essa premissa, de que o rigor metodológico não é medido pela indicação do tipo de pesquisa, mas por uma descrição clara e detalhada do caminho percorrido e das decisões tomadas pelo pesquisador ao conduzir seu estudo, e levando em conta que certos tipos de pesquisa são mais claramente definidos do que outros [...]. Espera-se, com isso, diminuir os equívocos na classificação das pesquisas da área, além de ajudar a reduzir a ansiedade dos jovens pesquisadores pela nomeação da sua pesquisa (André, 2013, p. 96, grifo meu).

Assim, seguindo, contingencialmente, o cumprimento da exigência de descrição detalhada do percurso, preciso relatar minha experiência com o X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, também chamado de CIPA, com o tema “Insubordinações da Pesquisa (Auto)Biográfica: democracia, narrativas e outros modos de vida”, realizado entre os dias 20 e 23 de maio de 2024, aqui em Salvador. Além de apresentar um resumo expandido de algumas ideias que estavam sendo elaboradas no curso desta pesquisa, vivenciei encontros que deixaram marcas indeléveis, não só como pesquisadora, mas, principalmente, como aprendente da vida.

Expericiei a sensação de orquestração dos movimentos que levam e trazem, do sentir e de perceber que há um sopro que nos impulsiona a estar, num determinado momento, naquele ponto da Terra em contato com alguém que foi levada para lá, para o mesmo ponto, da mesma maneira sutil, soprada. Foi assim com as colegas Daniela de Macedo, Ludmila Raquel Tavares, Julia Rabelo e Katia Cilene Costa, a professora Nilda Alves, e, especialmente, os professores Thiago Corrêa, Rodrigo Matos-de-Souza e Diego Leandro Marín Ossa.

Na noite do jantar de confraternização, chovia caudalosamente em Salvador e pensei em desistir de ir. Incentivada e levada por Márcio, meu companheiro, até a porta do restaurante que ficava a duas quadras de nossa casa, entrei sozinha e busquei por alguma mesa que tivesse um lugar vago.

Todas as mesas já estavam arranjadas, e senti como se todas as pessoas já tivessem seus pares, suas companhias. Avistei uma moça que já tinha visto na conferência de abertura, ela estava sozinha na mesa, mas havia vestígios de que a mesa estava ocupada por outras pessoas. Averigui com ela se havia outras pessoas ali e a resposta foi: “Tem gente sim, esse lugar aí é seu”. Era Katia Cilene Costa, orientanda do professor Thiago Corrêa, que logo chegou à mesa. Nossa conexão foi imediata. Quando mencionei sobre minha pesquisa, minhas dificuldades, ali mesmo, do seu celular, ele começou a me mandar materiais, um livro que se tornou um dos meus referenciais: *Os Sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar*, de Miguel Almir Lima de Araújo (2008). Dali em diante, não larguei mais de Thiago, nem ele de mim, hoje, meu amigo, um dos amores que carrego e que me levanta.

No dia da apresentação do meu resumo expandido, numa das sessões de conversa, estava apresentando junto comigo Julia Rabelo, que tinha feito uma troca com um parceiro de pesquisa, e Daniela de Macedo. Tivemos questões relativas ao local onde realizaríamos a sessão e logo estabelecemos diálogo cooperando para fazer o encontro independentemente de onde poderia ser. Nossas apresentações criaram uma conversa que perdurou após o fim da sessão

junto com Ludmila Raquel, que estava nos assistindo. Durante o evento, nos encontrávamos eventualmente e sinalizávamos mesas e painéis que eram do nosso interesse, como a mesa do professor Diego Leandro Marín Ossa junto com a professora Nilda Alves, cujo tema era “Narrativas digitais, culturas e (re)invenções de si”.

Professor Diego apresentou o trabalho que realiza sobre o uso das mídias sociais para interromper ciclos de alienação; como conhecer o sistema e suas ferramentas pode ser um meio de se construir para além do que as estruturas estabelecem. Ao final da apresentação, fui ao encontro do professor e comentei como via semelhança do que tinha apresentado com a Teoria dos Sistemas, de Luhmann, e o conceito de autopoiese, de Maturana. Ele confirmou que absolutamente estavam relacionados e passamos a trocar materiais, oportunidade em que pude presentear-lo com o livro *Oráculo Somático: 31 perguntas para se desvendar da pele para dentro*, de minha autoria (Franco, 2022).

Na mesa de encerramento, reencontrei Daniela de Macedo e Ludmila Raquel para assistirmos à comunicação do professor Rodrigo Matos-de-Souza; foi quando descobri que ele era, respectivamente, professor de uma e orientador de outra. Mais uma das confluências sentidas na vivência desse congresso. A fala dele abriu a minha cabeça com um golpe certo e seus artigos têm me orientado e me embasado para fazer cortes e inserções significativas na minha escrita e ações, das quais muito desta dissertação também é fruto.⁷

Uma delas é a percepção de que a pesquisa em educação acaba por adotar meios de operação que reduzem a complexidade da vida e tomam por objeto porções ínfimas do processo de construção do conhecimento.

Não é de espantar que parte de nossas abordagens e mesmo leituras do real tenham por base dicotomias que não respondem diretamente a sociedades mais complexas, desiguais e marcadas por relações e contratos distintos das sociedades que serviram de modelo às teorias e metodologias que nos chegam do Norte. São tantas as reduções que, no processo formativo de nossos pesquisadores, chegamos a esquecer de que certas nomenclaturas, oposições e procedimentos são linguagem de manual que, para melhor ensinar, reduzem a complexidade a imagens tão concretas que parecem imóveis (Matos-de Souza, 2022, p. 9).

Esse entendimento me autorizou a adotar a compreensão de que não posso afastar totalmente, ou, talvez, nem mesmo parcialmente, o que vivi somente como pesquisadora porque isso englobou muitos outros de meus próprios estados. Não é possível que eu coloque num pote hermético a experiência de pesquisar, ter estabelecido objetivos programados cronologicamente

⁷ Todas as mesas do CIPA estão disponíveis no YouTube no canal da TV UNEB (<https://www.youtube.com/@TVUNEB/search?query=cipa>), bem como todos os trabalhos, os quais constam nos Anais respectivos (<https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675>).

numa tabela e, como se fosse um rato em laboratório, tenha sido analisada, traduzida em dados analíticos e reportada num resultado apresentado.

Dessa maneira, o que eu vivi ao longo desse período relativo ao mestrado está sendo posto aqui, com os devidos filtros: da coerência, que afasta aquilo que não se relaciona direta ou indiretamente com as atividades da pesquisa; da ética, que resguarda o íntimo e revela meu cuidado com quem esteve comigo ainda que não tenha sido como participante/ator direto da pesquisa, o que nem sequer foi cogitado para ela. Mas também, não posso deixar de registrar daquilo que não pode ser dito: as violências acadêmicas que se reproduzem, que se infiltram nas nossas vidas porque estamos pesquisadoras, afetam nosso sono, nossa alimentação, produzem sintomas, estados desconfortáveis, mas não encontram espaço no texto científico. Não há sílabas, pontuação, léxicos, glossários, seções, considerações finais ou referências bibliográficas específicas em que essas vivências possam caber, mas, sem dúvidas, elas afetam, colaboram e desabonam a produção que se diz científica, seja lá o que isso realmente queira dizer.

Isso me faz recordar o filme irlandês *Zardoz* (1974), indicado por meu amigo Felipe Sancho e assistido durante este percurso, que conta a história de uma sociedade branca, num futuro distópico, dividida em classes: intelectuais imortais, renegados (que desistiram da imortalidade) e os mortais, esses, exterminadores e exterminados. A dominação de um grupo sobre o outro se dá pela projeção de um deus que profere as verdades, as leis e as regras. Uma cabeça de pedra flutuante comandada por um dos imortais, ele próprio cansado da imortalidade. O herói protagonista faz parte do grupo dos exterminadores que decide descobrir o que há além do mundo de guerra, onde ele vive e é destinado a matar. Sua presença no mundo perfeito e insosso da intelectualidade imortal é perturbadora.

Em que pese todas as críticas que podem ser feitas a esse filme, ficou para mim o mesmo entendimento que professor Rodrigo Matos-de-Souza (2022, p. 24-25) professa: uma desobediência epistemológica não se faz com um simples ato de rebeldia, mas reconhecendo a maneira como “padrões, senso comum ou mesmo o falso circulam em nosso meio produzindo, muitas vezes, um ambiente injusto para quem quer genuinamente pesquisar”, e, além de reconhecê-los, precisamos recusá-los, propondo algo que seja absolutamente novo, ainda que não tenhamos ainda modos para fazê-lo porque “a pesquisa que não é obediente precisa trilhar um caminho em mata fechada, a ser aberto por instrumentos que nem possuímos, esses precisam também ser inventados”.

Com isso, posso dizer que, de fato, a minha pesquisa foi desobediente porque se propôs, se não a inventar, a se reinventar diante do que encontrou nos destinos em que se enfiou mato

adentro. Prova disso é que pouco restou do texto que apresentei na qualificação. O que se manteve, essencialmente, foi a minha fidelidade ao desejo de apresentar minha prática como ensinante-aprendente. Um pulsar que se vinculou à metodologia (auto)biográfica, a qual possibilita o diálogo entre o individual e o sociocultural, pondo em evidência os caminhos “como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias” em contextos diversos para construir sua identidade (Moita, 2000, p. 116). Por conseguinte, para sustentar identidade precisamos de vínculos profundos com a memória e a história de quem somos (Krenak, 2019).

Além disso, a pesquisa (auto)biográfica abarca uma perspectiva metodológica que intenciona dar conta das investigações que percorrem pelas experiências e percursos de vida tanto pessoais quanto profissionais na educação (Medeiros; Aguiar, 2018), assim, o espaço criado por este tipo de pesquisa, quando vence a submissão dos ditames estabelecidos pelo Norte global, pode produzir uma linguagem contextualizada com o Sul, em termos narrativos e epistemológicos, a partir daqueles considerados menores, ingênuos e mágicos (Matos-de-Souza, 2024). Quando tomamos a nós mesmas como elemento de reflexão, podemos encontrar os caminhos e instrumentos que produzam “uma linguagem própria que apresente seu contexto e formas ao mundo a partir de uma perspectiva, ajudando-nos também a ver que todos falam de sua própria perspectiva, e a pretensa universalidade é apenas o que se impõe” (Matos-de-Souza, 2022, p. 24).

Eu sempre me emociono quando leio essa construção do professor Rodrigo Matos-de-Souza, porque, antes de conhecê-lo, isso rondava meus passos e, como alguém que atravessa um riacho, desconhecendo sua profundidade e quais pedras são firmes o suficiente para dar o próximo pulo, as palavras dele soaram para mim como uma autorização para seguir a voz da minha intuição e confiar que darei os saltos necessários para que a minha prática e a minha experiência possam contar algo para além do que a universalidade impõe. Entendo, assim, que o método (auto)biográfico não é grafar a própria vida, mas acessar o modo próprio de grafar a vida.

Dessa forma se sucedeu a construção do meu caminho na pesquisa com acesso ao meu modo próprio de grafar o vivido, dando vazão às relações que tenho com a arte que pulsa da vida, porque, estando pesquisadora, não deixei de dançar, continuei desenhando, criei formas novas, permaneci me nutrindo dos encontros e escrevendo meus amores. Isso tudo estabeleceu a maneira como a pesquisa se fez e este trabalho se constituiu, principalmente, nos momentos mais árduos que beiraram meus precipícios. Foi também o que me permitiu solucionar o desafio de falar de corpo sem biologizar, unir argumentos que o tratam como causa sem afastar que ele

é consequência no mesmo engate, tornando algo, que é tão íntimo e óbvio para mim, compreensível e acessível para a banca examinadora, mas também para outras pessoas.

Nesse ponto, contei com a amizade de Maeve Rêgo e Hélio Messeder, que se dispuseram a me ler e, com sinceridade e afincado, da distância com minha temática e da proximidade com as teorias de que são íntimos, sinalizaram pontos que, de lá, puderam observar. Entendi que eu precisava dançar mais devagar, cuidar para não pisar no dedo mínimo do que mais prezo: a relação que eu mesma criei com o meu aprendizado enquanto ensino. Precisei da ajuda de Márcio, meu companheiro, para me lembrar que eu podia ser capaz de rodopiar entre os obstáculos que emergiram sem me afastar nem por um milímetro dessa relação que teço entre meu saber e o cuidado, a qual ele testemunha com amor diariamente. Sem o apoio de seu abraço, quando sucumbi a todas as vulnerabilidades, não teria levantado essa pedra, porque nossa força só é totalmente acessada quando sabemos que precisamos e aceitamos ajuda.

Compreendo agora que não havia como saber antes de deixar ser, não havia caminho pavimentado porque ninguém havia passado por ele, nem mesmo eu.⁸ Acrescento que a minha escolha nem sequer foi pavimentar esse caminho, desbravei deixando vestígios dos meus passos, afastei os galhos suficientes para a minha passagem, mas o caminho deixou mais marcas em mim do que a minha passagem sobre ele se registrou. É dessa forma que narrar, nesta pesquisa, desvelou a percepção do eu interior no social, tornando-se um caminho para o entendimento da experiência. Assim, “as histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 27), uma vez que “narrar, na pesquisa, é o radical gesto que faz a vida recomeçar, de novo e de novo, mesmo que os embates sejam intensos e o solo, por vezes, seja árido” (Moraes, 2021, p. 10).

Percebo o solo, por vezes, árido, como o contexto em que as histórias estão situadas, superando a concepção de história como mera sequência temporal de nomes e fatos pendurados, como se estivessem num varal, deslocadas do chão histórico em que produziram conceitos e práticas, adotando o pressuposto de que a “história das ideias é sempre social” (Patto, 2003, p. 30).

A história das ideias expostas aqui tem um recorte muito bem enraizado, um chão muito bem estabelecido e ele está devastado. Eu começo a percebê-lo mais profundamente quando, antes de entrar neste programa, cursei o componente tópicos especiais em direito e pós-modernidade, podendo aprofundar meus entendimentos de como uma única lógica sobre o que

⁸ Original: “No hay otro camino que el propio. Y el camino propio no está pavimentado. Porque nadie lo ha caminado antes”. Tradução minha. Tirado de um cartão digital recebido cuja frase é assinada por Pezderio.

é estar no mundo se estabeleceu, alastrou-se e trava uma batalha diária para se manter como hegemônica.

O racionalismo, o eurocentrismo, a supremacia do Norte global, a branquitude, a heteronormatividade e o binarismo, como lógicas da modernidade que se impõem, estabelecem o vínculo intrínseco entre a elaboração moderna de ciência e razão e a noção de natureza a ela submetida. Assim, a ideia de que o corpo que somos é algo cindido do que é natureza, porque é racional ou cultural ou social, persiste, mesmo com as tentativas pós-modernistas de retomar e se aproximar dos conceitos de natureza, principalmente pelo que seriam as preocupações ecológicas. Seria uma tarefa das ciências humanas contribuir para suplantar essa oposição entre social e natural, avançando para uma concepção de natureza e de ciência que não implique “fazer os seres humanos se sentirem estranhos no mundo em que habitam e que buscam conhecer” (Froelich; Braida, 2010, p. 637).

É curioso que existam teorias e práticas que definem a estranheza da espécie humana no mundo pela sua superioridade, como diferente de outras em razão da cultura e de sua complexidade superior, inclusive para diminuir a importância de outras espécies, atribuindo-lhes padrões de inferioridade porque esses não sendo culturais, “lhes são dados com a sua estrutura física; fontes genéticas de informação ordenam suas ações com margens muito mais estreitas de variação, tanto mais estreitas e mais completas quanto mais inferior o animal” (Geertz, 2008, p. 33).

Assim fosse, as baleias seriam alçadas ao nível de humanas e superiores também, já que possuem cultura e até mesmo linguagem num nível de sofisticação aguçadíssimo em que há comportamentos específicos que mudam de família para família? (O Segredo, 2021). Assim fosse, como diz a teoria da árvore-mãe, as árvores que se relacionam e se comunicam em estados cooperativos pelas copas, pelas raízes, pelo microbioma, no complexo sistema que é uma floresta, deveriam até ser consideradas superiores a nós (Simard, 2016; 2022).

Entretanto, há uma comunidade científica que revisa esses estudos e encontra um ponto para dizer que, conforme o estudo se deu, não é possível que se confirme. Eu gostaria de saber quem são os pares que revisaram os estudos que atestaram nossa superioridade e onde foi que se perdeu nosso estudo de ciências do terceiro ano da educação básica que dizia que todos os seres vivos fazem parte de um complexo sistema que deveria viver em equilíbrio no planeta Terra (Willemart, 2022).

Quem responde meu desejo de saber é Krenak (2019), quando explica a ideia do antropoceno, que, definitivamente, não é uma era, é uma brevidade. O planeta tem bilhões de anos perto dos nossos poucos mil anos e temos a audácia de cogitar que o mundo está acabando

quando, de fato, nós sabemos que a nossa presença é um dano para o mundo, para o planeta, que é uma casa comum, a qual deveria ser coabitada com todos os outros seres. Como seres vivos, somos bem-vindos nessa casa maravilhosa, é o nosso modo de estar aqui, nosso cretinismo que não é bem-vindo, “nós estamos do jeito errado aqui na terra”⁹.

Sabendo desse jeito errado que estamos aqui na terra, ciente que as estruturas que me atravessam são compostas por todas essas lógicas dominantes, sendo mulher, branca, cis, bissexual, nascida num país que sofreu colonização europeia, nordestina, bisneta de mulher indígena pegada no laço¹⁰, irmã de uma mulher cujos ascendentes foram escravizados, detentora de privilégios econômicos estando dentre os 10% da população brasileira com renda per capita maior de R\$ 3.422,00, conforme últimos dados do IBGE¹¹ (vocês leram isso? 90% da população brasileira vive com menos do que dois salários mínimos, e estar entre os 10%, apenas um pouco acima disso, já é um privilégio), o que eu posso fazer de onde eu estou é não ser tão “cretina”, como Krenak (2019) escancara, e questionar justamente esses lugares, essas posições que, alçando algum privilégio, podem fazer o mínimo: deslocar-se para perceber um pouco mais do que a própria ilha umbilical onde reside.

Confrontar, ao menos, com uma dúvida o que seja dito, imposto ou apresentado como verdade para que não recaiamos no fundamentalismo que reproduz modos, métodos e técnicas que são ferramentas “de apagamento, de interdição e negação do outro como possibilidade de ser” (Matos-de-Souza, 2024, p. 52). Dessa forma, pessoas adultas que ocupam posições que são como redutos e que servem à manutenção de certa ordem, modo ou padronização do viver precisam exercitar uma atenção aos movimentos mínimos que possam ser feitos para que nós mesmas, o estado de criança em nós e de quem cuidamos possam desfrutar de contextos distintos.

Nesse sentido, inverti valores do academicismo e não sou filiada a nenhuma teoria, mas tento encontrar no que vivo a própria teoria, afinal “se na teoria a prática é outra, é porque a teoria deve ser outra”¹², então, abster-me de tentar fazer com que meu trabalho coubesse em algum compartimento teórico (Matos-de-Souza, 2024), percebendo, desde já, as armaduras

⁹ Essa fala de Ailton Krenak pode ser encontrada no Youtube no canal *SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida*, em um vídeo sob o título de “Ailton Krenak e a ideia do antropoceno”, disponibilizado na internet em 27 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZnuUIWA0I24>. Acesso em: 15 nov. 2024.

¹⁰ Expressão utilizada no sul da Bahia que significa o sequestro de mulheres indígenas para se casarem com homens brancos.

¹¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, artigo intitulado “Rendimento de todas as fontes 2019”, sobre renda per capita no Brasil, com destaque para o gráfico “Rendimento médio mensal real de todos os trabalhos, segundo as classes de percentual das pessoas, em ordem crescente de rendimento (R\$)”. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101709_informativo.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

¹² Frase do professor Rui Harayama dita pela professora Lygia Viégas em uma das aulas do componente psicologia da educação, ministrada no segundo semestre de 2023.

acadêmicas; abrindo-me para possibilidades de criar e, fatalmente, errar; rompendo com um fazer costumeiramente reproduzido e com uma intenção honesta e declarada de mover as engrenagens estruturais de outra maneira, sabendo pouco e tendo a meu favor tudo que não sei, com o desejo de compreender com minha melhor parte: a largueza (Lispector, 1999).

Nesse sentido, narrei experiências de estar criança, apresentando práticas que ressoam com nossa complexidade e colaboram para o contato com nuances, aspectos, elementos, circunstâncias e para uma amplitude perceptiva da história e da realidade que nos constituem e dos mundos possíveis já constituídos e que podemos constituir (Martins, 2009).

Busquei coerência no meu saber e fazer pesquisa, experimentando movimentos diferentes dos costumeiramente feitos. A princípio, achei que, por tratar de corpo, seria impossível não referenciar Foucault, ou Larrosa, por falar de experiência. Referenciei no início da feitura da escrita, mas sem muito esforço, certamente porque me envolvi profundamente com o que tecia, as referências mais distantes caíram do meu texto por elas mesmas, apenas ressoando com meus encontros e encantamentos, enquanto eu sabia, fazia e registrava, elas se foram pouco a pouco.

1.2 CUIDADOS A MAIS

Não é esquisito?
Só podemos nos ver por fora,
mas quase tudo acontece do lado de dentro
Por fora e por dentro sentimos.
(Mackesy, 2020, n.p)

Atendendo os parâmetros éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais, os objetivos pretendidos nesta pesquisa estão dentro do previsto no art. 1º, parágrafo único, incisos VII da Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016, pois objetivou “o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, sem revelar dados que possam identificar o sujeito” (Brasil, 2016).

Assim, cuidei para que toda e qualquer informação que porventura possibilitasse a identificação dos participantes retrospectivos fosse ocultada no processo criativo da escrita. Entretanto, ressalto que descrições de experiências vividas implicam possíveis reconhecimentos de leitoras com as histórias narradas.

Além disso, não pude ocultar nomes de professoras e colegas que fizeram parte deste percurso, essas pessoas não foram pesquisadas, pelo contrário, constituíram meu estado de pesquisadora que nada mais foi do que estar vivendo, elaborando, criando e, antes de tudo,

sentindo. Quanto a elas, foram informadas de que seus feitos, não sendo segredo, seriam revelados, exatamente, por uma questão ética.

Dessa forma, atentei para sinalizar as sinuosidades por onde a escrita avançou, cuidando para que as leituras possam acessar margens e bordas suficientes para os estados que venham suscitar, considerando, principalmente, que histórias de vida e narrativas literárias “constituem a desmesurada biblioteca da experiência humana, nos instigam a refletir, sem nenhuma pretensão de legislar, sobre a intencionalidade humana de deixar gravadas marcas do existir” (Souza; Passeggi, 2011, p. 327).

Importo-me, especialmente, que a leitura deste trabalho, por apresentar um caminho, não remeta a uma redução em possibilidades de existir e caminhar. O intuito é exatamente cultivar uma abertura para outras maneiras e modos, afastando juízos de valores que prescrevam erros e acertos, bom e ruim, e aproximando percepções que avancem entre desafios e fruição.

Entendo, assim como Josso (2010, p. 43), que, mesmo havendo uma completa subversão de contextos de vida, com significativa relativização dos conteúdos transmitidos, “as dimensões fundamentais da formação cultural não deixariam de constituir outras problemáticas da formação”. Entretanto, compreendo, especialmente, que há lógicas infiltradas na cultura, cuja transmissão serve à manutenção de estados que favorecem, discriminam e, justamente, eliminam legítimas experiências de vida.

2 NÃO CHORA, NÃO FOI NADA: HISTÓRIAS QUE NOS CONSTROEM

O meu poder é pouco, governo sobre algumas
lembranças: um prato, uma toalha de mesa, um
domingo, cascas de laranja fresca recendendo. O
Bem e o Mal me escapam, mesmo e
porque me habitam.
[...]
Choro porque vou me refazer e dar risadas e
perguntar incorrigivelmente pelas fases da lua
e semear flores e plantar hortaliças.
(Prado, 2020, p. 126-127)

Toda vez que lanço as perguntas: *Do que depende nossa existência? Por que existimos?* Nunca obtenho uma resposta que se relacione com a concretude material para a vida. É sempre algo abstrato a resposta. Alma, evolução espiritual, reencarnação. Entretanto, o fato é que há vida porque há corpo. Não há pensamento, consciência, espírito ou alma sem corpo. Da mesma forma, não há corpo, não há vida sem o complexo sistema universal em que a Terra dança com o Sol e os outros astros. A vida se constitui e se mantém porque a Terra dança com o Sol. Nossa vida na terra depende disso (Pires, 2024).

Todavia, estamos apegados a outra ideia de existência, a de que existimos independentemente dos movimentos que ocorrem na Terra por causa do Sol, de que somos humanidade na Terra por um acaso qualquer e que devemos obedecer a outros ritmos. Há um conforto de seguir nesta configuração mental, nesta ideologia, porque ela se sucede há várias gerações, “camadas de desejos, projeções, visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados”, mas ela nos retira do envolvimento, do pertencimento e da responsabilidade com o que é estar consigo e no mundo (Krenak, 2019, p. 59).

Assim, perceber-se corpo, organismo vivo, pertencente à complexidade do sistema solar pode também nos fazer perceber para além dessa configuração que assegura as repetições de ciclos, reproduções de modos, ações e padrões. Autoperceber-se é observar profundamente existência e presença no corpo que somos. Assim, caminhar para si é um projeto que se justifica para conhecer aquilo que somos, sentimos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco e com o mundo (Josso, 2012).

Perceber o mundo viabiliza a nossa percepção sobre nós, sobre ser com o mundo e com as outras pessoas, ao passo que inviabiliza a imutabilidade do mundo, porque quando nos reconhecemos objeto da história, passíveis dos projetos, dos acontecimentos e das organizações, é que podemos agir como sujeitos, agentes ainda que minimamente, irritantes do sistema,

provocantes de deslocamentos nas estruturas, viabilizadores do impossível. A impossibilidade de gerar mudanças em si e no mundo é a verdade estabelecida de quem, “por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela” (Freire, 2000, p. 20).

Assim, há a verdade dos que falam e há os que foram calados, obrigados a dissimular o seu dizer, silenciam e falam por meio do silêncio (Martins, 2009). O corpo que somos fala principalmente sem palavras, pelo tremor, pela fisgada, pelo embrulho, pela dor, pelo prazer, pelo alívio, pelo sorriso, pela secura, pelas águas, muco, saliva e lágrima. A repetição do modo de dizer e o silenciamento dos outros modos de falarmos reforça o conhecido, é o novo que muda e o estranho que provoca transformação (Bonzi, 2013; Brum, 2021).

É necessário, portanto, um fazer novo, contrário à primazia hegemônica de uma racionalidade que reduz, determina e formata, interferindo na vida cotidiana por meio de dispositivos estratégicos e práticos, instalados em todos os espaços e instituições, inclusive a família, “que operam em torno de matrizes normativas e ideais regulatórios, prescrevendo padrões (de desenvolvimento, comportamento, aprendizagem, inteligência, afetividade, linguagem, gênero, sexualidade, eficiência, estética...)” que invisibilizam a complexidade da vida (Fórum, 2020, p. 194).

É importante ressaltar que, comumente, atribui-se a pais e mães que se exacerbam no exercício do poder familiar, agindo a partir de lógicas padronizadas e, por vezes, violentas, a pecha de monstruosos. Entretanto, há de se ressaltar que são pessoas que certamente foram mutiladas por experiências de vida também monstruosas e que, desamparadas em seu sofrimento, acabam por mutilar também (Mello; Patto, 2008).

Definitivamente, “o corpo atém-se aos fatos” (Miller, 2011, p. 27). Não há nada que passe despercebido, mas há o que passe sem ciência porque estamos deslocados do que nos acontece, somos educadas a deixar para lá, a não dar importância, a esquecer.

Assim, talvez seja necessário, em outras palavras, como diz Saramago (1998), recuperar, saber, reinventar a criança que fomos porque ela é o pai e a mãe da pessoa que somos. Nesse sentido, meu labor de ensinante-aprendente de pessoas adultas busca um distanciamento dos aprendizados formatantes, para experimentar um estar criança com uma abertura para os saberes do corpo que somos, da sutileza da autopercepção e da coerência do mover, rompendo com um fazer que tem sido fiel a um legado que reatualiza a opressão.

Os padrões dados como ideais, transmitidos às novas gerações por cada cultura, como figuras de identificação, acabam por canalizar a variedade individual, de modo que há um controle e conformação que estigmatiza o desvio. “Assim, a transmissão cultural integra não

somente tudo o que é preciso saber, saber-fazer e saber-ser pra ser funcional na ordem social e cultural, mas também o campo das liberdades e das iniciativas possíveis” (Josso, 2010, p. 43).

Tenho proposto meu trabalho como um convite constante, inclusive a mim mesma, para um fazer que visa o desenvolvimento de autonomia em busca de sentido para nossas próprias vidas e do que fazemos com elas (Nunes, 2021), a partir de uma atividade de atenção e interpretação crítica e “de tomada de consciência da relatividade social, histórica, cultural dos referenciais interiorizados”, constitutivos da dimensão cognitiva da nossa própria subjetividade (Josso, 2012, p. 23).

Há séculos, vivenciamos, segundo Krenak (2022a, p. 57), uma “educação sanitária” com o ímpeto declarado de formatar, que nos retira do contato com a vida, a vida através do corpo que somos, e nos coloca fechadas hermeticamente numa sala, até que nosso sentir e nosso pensar se feche também hermeticamente; “são práticas ligadas a produção de pessoas”, mas nenhuma pessoa precisa de fôrma. Ao passo que crescemos, aprendemos a sentir e fazemos contato com o que somos. É nosso encontro com nosso íntimo que deve informar ao mundo cada porção nossa que descobrimos.

A tentativa de governarem nossos estados de criança, antes mesmo que possamos errar, com a justificativa sedutora de proteção, é, na verdade, um temor pela nossa potencialidade em romper com as peças da engrenagem social (Nascimento; Adad; Santos, 2022), inquietando a segurança dos saberes estabelecidos em nome do poder e questionando as práticas institucionais com o brilho que surge com o novo em cada nascimento e que pretende escapar fatalmente de qualquer limite previamente determinado (Arendt, 1961).

A determinação, a objetividade e a adoção de um caráter único e universal reduzem nossa complexidade, diminuindo as possibilidades de compreensão da existência (Damásio, 2012). A neutralidade é uma experiência “atomizante do ego, uma espécie de abismo sensorial”, porque a vida se produz em fluxo, em pertencimento, não em isolamento e exclusão (Krenak, 2023, p. 67).

Infelizmente, aprendemos a ter medo do acontecimento, do inesperado, da surpresa, e nos tornamos impermeáveis à magia da própria vida, inflexíveis ao fluxo e paralisadas diante da frequência do mover. Fixamo-nos em pontos que estancam percepções e cristalizam sensações por buscar certezas.

Krenak (2022a) usa o verbo *mundizar* significando a potência de experimentar outros mundos e de mundos se afetarem, numa dinâmica que supõe a atuação de todas as existências e não apenas a do homem branco.¹³

O mundo delineado por estar criança nos afeta com o novo e fatalmente com o medo de sermos impelidas a sair do nosso recluso ponto fixado no mundo, de que as coisas não se mantenham, alterem-se. Mas o novo sempre vem mesmo que nossos esforços tentem contê-lo. O mundo não é necessariamente isto ou aquilo, nós somos tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. Assim, precisamos nos (des)educar para aprendermos que é aprendendo que nos fazemos e nos refazemos, porque podemos nos assumir como capazes de saber, de saber que sabemos, de saber que não sabemos, de saber melhor o que já sabemos, de saber o que ainda não sabemos; porque precisamos estar sendo, se assim não fosse não haveria porque falarmos em educação (Freire, 2000).

O medo de não saber, de mover para além ou aquém do lugar de poder nos envolve por meio de padrões, códigos, parâmetros e expectativas que estabelecem os relacionamentos, inclusive os que constituímos com o estar criança. Entretanto, o mundo está em fluxo e cada estado é um arranjo temporário de fluxos de modos, “assim como um cubo de gelo é um arranjo temporário de fluxos de água” (Akomolafe, 2023).

A vida é muito mais do que as restritas expectativas que somos moldadas a ter dela. A vida é como uma flor que rompe o asfalto a despeito da aridez¹⁴, é pulsação de possibilidade. É como a água que suspende até mesmo sua existência para seguir no seu curso de impermanência e, esplendorosamente, permanecer.

Estou em busca do sacolejo que possa nos impelir a outros fazeres, que recupere a capacidade de sentir mais e além, proporcionando um vicejar sem o qual não podemos avançar, sem o qual a flor não rompe o asfalto, um resplandecer que somente se faz na incerteza do fluir, mas calcado nas referências internas de segurança geradas pelo senso de pertencimento que se constrói pela progressão do conhecimento de nossas histórias (Josso, 2010).

¹³ Homem branco entendido aqui como a figura detentora de maiores privilégios sociais e, por isso, determinante para a manutenção de lógicas opressoras, colonizantes e antropocênicas e que se pretende universal.

¹⁴ Referência ao poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade (2012).

2.1 HISTORINHA PARA ACORDAR

A criança sabe que nunca lhe dizem toda a verdade e que então lá também deve haver algum mistério, uma coisa feia que os adultos procuram esconder.
(Korczak, 1983, p. 129)

Tinha um ano e onze meses. Vinha caminhando pelo gramado carcomido da praça malcuidada. Acabara de desistir de subir no trepa-trepa após ouvir a mãe gritar do outro lado: *Saia daí antes que você caia, não é brinquedo pra sua idade!* Uma sentença. Chamou-lhe a atenção no chão algo que brilhava, abaixou com dificuldade se aprumando entre o peso da barriga e o volume do bumbum cheio de fralda, esgarçando a calça de moletom verde. Tentou puxar a ponta de um pedaço de embalagem laminada enterrada na terra escura e úmida. Mais de três quartos estavam presos embaixo da terra, de modo que sua força não foi capaz de desenterrá-la, fazendo com que tombasse para trás, levantando as perninhas. Aprumou-se outra vez, agora ajoelhando para cavar com as mãozinhas rechonchudas. O nariz escorria e antes que a gota viscosa e translúcida chegasse à boca passou a mão melada de terra entre o nariz e a boca, e agora seu rosto parecia que tinha levado uma pincelada de borra de café de alguma artista plástica dadaísta. Após realizar seu grande feito, a escavação quase arqueológica, levantou-se com o pedaço de embalagem nas mãos e contente balançou o pacote rasgado como se fosse uma flâmula, sacudindo o corpinho de um lado para o outro. Uma criança que parecia ter seis anos corria com outra, brincando de pega-pega. Olhando para trás, com a intenção de estar longe do alcance da outra, não viu a pequena, trombou nela com força suficiente para levá-la ao chão e seguiu correndo sem titubear, firme no seu propósito de se distanciar da que a perseguia. Trinta segundos de sucederam até que a pequena levantasse a cabeça, tomasse fôlego e liberasse o berro estrondoso. A mãe, que conversava com a companheira de ida à praça, virou de sobressalto e correu em direção ao grito desesperado. Aproximando-se da pequena, levantou-a, sacudiu a terra espanando a mão no seu rosto, braços e barriga e, julgando que não passava de um tombo, sem perguntar o que tinha acontecido, sentenciou outra vez: *Não foi nada, foi só o susto. O que você está fazendo com esse lixo na mão? Eu não disse para você não pegar as coisas do chão? Vai ficar doente, cheia de bicho na barriga.* O choro era inconsolável. *Não chora, não foi nada!*

2.2 HISTÓRIAS DE ESTAR ENSINANTE-APRENDENTE

Foi atuando como psicopedagoga, recebendo crianças que alguém disse que apresentavam dificuldades com aprendizagem, de comportamento e de disciplina que constatei, como se fosse ainda preciso, que não se tratava de um problema, um erro ou um desvio, mas como as relações com aquelas crianças estavam estabelecidas. Isso não era uma questão daquelas crianças, mas das pessoas adultas que estavam com elas. Pessoas adultas que foram cuidadas de maneira a não se sentir, não se perceber, e estavam moldadas, formatadas para reproduzir um modelo de aprendizagem, de desenvolvimento e, principalmente, de expectativa como as crianças deveriam ser ou não; porque experienciaram isso dessa mesma forma.

Estar criança é posicionar-se diante de uma correnteza, o brotar de uma força da natureza; como todo nascimento, não se pode, definitivamente, saber o que surgirá dali. Todo nascimento é um rompimento, um novo começo, mas é a gente “que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem”¹⁵. Assim, costumamos preparar o estado criança para se moldar com o já estabelecido, para fazer parte, aprendendo um modo específico de estar num mundo de ritos, silêncio e imobilidade, onde os papéis estão previamente determinados, sem levar em conta diferença ou diversidade (Harper *et al.*, 1980). Fazemos isso porque o mesmo foi feito conosco e aprendemos dessa forma: com uma recusa à nossa própria possibilidade de inovar quando éramos o novo a chegar (Arendt, 1961).

Figura 9 - Tirinha Armandinho



Fonte: Facebook (2014).

¹⁵ COMO nossos pais. Intérprete: Elis Regina. Compositor: Belchior. In: FALSO Brillhante. Intérprete: Elis Regina. São Paulo: Phonogram, 1976. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (4 min 21 s).

Assim, entendi que a mudança pretendida não estava de maneira alguma no que a criança poderia corresponder ao meu trabalho, mas, definitivamente, enquanto as pessoas adultas ao redor estavam dispostas a estarem consigo mesmas, a desaprenderem, a encontrarem com o novo a fazerem diferente para si e, conseqüentemente, para o estar criança sob sua responsabilidade. O que faço é oferecer outros pontos de observação em que se pode incluir outros fatores e elementos, como na historinha para acordar da subseção anterior. Tem o medo, o susto e o fazer baseado neles da pessoa adulta, mas, por outro lado, tem o tombo, a descoberta, a tentativa, a invenção, o trombo com a vida do estar criança.

Dessa forma, comecei a apresentar maneiras distintas para se perceber aquilo que era compreendido como um problema a ser resolvido, uma máquina a ser consertada. De fato, como pessoas, nós quebramos, mas não do jeito em que se conserta para atender um parâmetro de funcionamento. Nossos membros invisíveis quebram e doem muito mais do que quando se quebra o dedo mindinho na quina da mesa. “Gente cheia de medo tem tanto pavor de quebrar que quebram os outros para manter a ilusão de que são indestrutíveis e podem controlar o curso da vida” (Brum, 2013, p. 426). As crianças estão quebradas porque nós estamos quebradas também e não sabemos lidar com o medo de não sermos aceitas, de não pertencer, de sermos rejeitadas. Quando só conhecemos o medo, resta-nos pouco, como tentar ser maior que ele e gritar mais alto do que gritaram conosco, tentar parecer mais forte. Mas, ser forte, de verdade, não é quebrar outras pessoas, muito menos o estar criança, mas saber que fomos, estamos e somos impelidas a cuidar quebradas.

As fraturas que carregamos são facilmente lidas como fracasso, mas esse “fracasso, para além do funcionamento pleno, também é um modo de ir” (Panadés, 2019, p. 256). Foi o jeito que deu de carregar nossa história, glórias e infortúnios, beleza e terror. Como natureza que somos, no corpo que somos, não há nada de obscuro, “apenas modos inventivos de viver contra todos os obstáculos”¹⁶. Dessa forma, reconhecendo todo o peso da nossa história, toda dor das fraturas veladas, podemos inventar jeitos de ir que não nos machuquem mais da mesma maneira e que não machuquem o estar criança, simplesmente, porque conseguimos sentir nossos próprios machucados.

¹⁶ Fala da personagem Kya Clark (interpretada por Daisy Edgar-Jones) no filme *Um lugar bem longe daqui* (2022).

Figura 10 - Fracasso



Fonte: Panadés (2019).

Eu inventei meu jeito de ir, contra todos os obstáculos, sim, baseado em algumas teorias e pesquisas, mas, especialmente, numa dedicação à prática do pausar, estar e fazer diferente. Perceber, sentir, criar e registrar. Construindo caminhos para experimentar o pertencimento ao universo infinito, como cada grão de areia que existe, como cada estrela, cada gota de orvalho, cada pétala de flor, cada vaga-lume que se acende à noite. Temos significado apenas pertencendo, não à universalidade hegemônica que exclui, mas ao universal milagre da vida que compartilhamos com tudo que há, que, estando além de nossa compreensão, deveríamos reverenciar e desfrutar (Carson, 1962; Krenak, 2019; Simard, 2022).

Meu jeito de ir, que compartilho no meu ofício, admite, primeiro, que somos corpo, natureza, por isso, compreende que somos arte e ciência, concomitantemente (Pordeus, 2010). Então, estamos também sempre em criação e invenção, num sonho real em que sentimos e comunicamos, recuperamos a memória de criação da vida e o sentido de caminhar sobre a Terra, aprendendo para além de um conhecimento restrito sobre uma ou outra coisa e avançando para uma percepção de integralidade em que tudo está ligado, todas as coisas que têm existência física, e quando nós narramos nossas histórias, nós criamos o mundo de novo (Krenak, 1992).

Para a porção que vive a ilusão de ser humanidade, num mundo cada vez mais mudado por ela, onde o dia e a noite não têm mais fronteira, porque, em vez de sonhar, acendemos luzes artificiais para o dia rodar direto, é necessário retomar as ligações entre os ciclos, aprender a relacionar a experiência fina da matéria da vida com a existência para a qual nos destinamos. Em entrevista cedida a Érico Andrade, Krenak (2022b) diz o seguinte: “A matéria vida é tão fina quanto um graveto quanto uma folha que cai. É uma compostagem. Tudo vira vida de novo”¹⁷. Porque nada na Terra vive sem a morte e a decomposição. De todo nascimento virá morte, mas, na ilusão de ser humanidade, somos imunes a isso, tanto que é quase um defeito falar de morte (Simard, 2022).

Minha prática pretende remontar o quebra cabeça da matéria fina da vida sem nenhuma pretensão de destino, mas com o desejo de que o agora possa ser experimentado com amplitude para o saber e o fazer, tal qual uma dobradura que transforma o papel plano, multiplica as dimensões e quase lhe dá vida pelo exercício. Essa remontagem é responsabilidade de pessoas adultas para oferecer outras possibilidades ao estar criança que cuidamos, considerando que não tivemos essa oportunidade larga, portanto, podemos estar agora nela orientada pelo que, inevitavelmente, fomos.

Dessa forma, estar criança é a compreensão de um tempo e um espaço de criação; de construção do corpo que somos a partir do sentir; da autopercepção e conhecimento de ser natureza; de invenção de outros caminhos; de reencontrar-se para encontrar o novo. Definitivamente, não se trata de analisar as crianças, parametrizá-las, fazê-las seguir baseadas num molde. Trata-se de como pessoas adultas podem se visitar, reconhecer-se em sua existência corpórea, vivendo, sabendo, fazendo, criando, inventando, experimentando o estar criança.

Assim, minha prática ensinante-aprendente consiste, basicamente, em duas ações, através de uma companhia atenta e amorosa: convidar e perguntar. Os convites ao sentir passam por uma via imprescindível: a pausa. Pausar é estar consigo mesma no movimento. Não existe parar na vida, absolutamente nada está parado. Pausar é mais um movimento, é uma ação. A autopercepção se dá no movimento da pausa, não importando que outro movimento esteja também acontecendo. As perguntas nos orientam no mover da pausa, não importando as respostas, viver as perguntas sem apressar o tempo das respostas.

¹⁷ Krenak faz alusão a música Cajuína, de Caetano Veloso. CAJUÍNA. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: CINEMA Transcendental. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Polygram, 1979. 1 CD, faixa 9 (2 min 20 s).

Foi com base nisso que criei, dois anos atrás, o *Oráculo Somático: 31 perguntas para se desvendar da pele para dentro*, livro de minha autoria (Franco, 2022). São cartinhas desenhadas, cada uma com uma pergunta para guiar o mover da pausa. Adicionei a trigésima segunda carta sem pergunta, para que quem estivesse com ela pudesse criar uma pergunta para si mesma. Invenções para sabermos e fazermos.

Todas as perguntas estão ligadas de algum modo ao princípio básico de sermos corpo natureza e conduzem a entrar em contato com essa realidade de abertura e rompimento com as armaduras, para mover as estruturas com novas acomodações, com invenções e experimentações. Assim, proponho para pessoas adultas um rechaçar ao modo de ir automatizado a partir da pausa e da autopercepção, entrando em contato com posicionamentos e posturas éticas consigo e com as outras pessoas, principalmente aquelas que estão aprendendo a estar no mundo, que conduzem à atenção com os saberes e fazeres, recusando e buscando outras maneiras para o estar (Matos-de-Souza; Gaviria; Souza, 2018).

O estar criança foi encurtado, armadurado pelos modos ocidentais, colonizados e capitalizados. Em vez de experimentarmos estados de criação, bem folgados, vivemos a objetificação castradora das subjetividades. O estado de criança tem sido apertado num corredor, apenas uma passagem pelo molde. Mas ele é, na verdade, um tempo e lugar do fantástico, da maravilha, do encantamento. Uma “potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo” é a minha boa ideia de educação, ensinar-aprender não para um tempo e um lugar imaginários, “mas para o ponto em que estamos agora” (Krenak, 2022a, p. 53).

Como passamos pelos moldes e apertamos o estar criança no corredor das armaduras, é necessário experimentar o oposto, um alargar das possibilidades, uma abertura que nos capacite, que nos ofereça condição para romper com os antigos modos de se comprimir e perceber a si, o mundo, e as outras pessoas; responder com a capacidade ampliada à vida e ao que nos afeta.

2.2.1 Tudo bem? Tudo bem! Como é tudo bem?

Aprendemos e reproduzimos as idealizações civilizadas, ocidentalizadas e capitalizadas do que é ser pessoa humana e produtiva. Então, ser pessoa, nesse contexto, é se adequar a um estado de permanência em um bem-estar que não conflui com o sentir e com a impermanência e diversidade essencial aos viventes. Assim, uma pessoa que precisa se manter na produção, dando conta de sobreviver e das vidas que de si dependem, ou, nascida em berço esplêndido e com um séquito de funcionários a seu dispor, inevitavelmente, experimentará uma

porção ínfima ou tremenda da evitação do sentir que se apresenta estruturalmente arraigado em muitas proporções do que compreendemos hegemonicamente como vida humana (Martins, 2009).

Desse modo, uma prática que nos permita questionar como estamos no mundo contribui para outras compreensões de existência, possibilitando abarcar as muitas complexidades que nos atravessam e nos compõem. Investigar como é *tudo bem* em nós é um dos exercícios que proponho. É comum que o estar tudo bem seja uma mera reprodução de uma fala automatizada e, mesmo sendo questionada, muitas vezes, é difícil expressar o que ela significa. Muitas vezes estar bem é apenas não estar mal.

Assim, a atitude de percepção corporal, ultrapassando a ideia de um corpo que é possuído e assumindo que somos nosso corpo, acrescenta ao saber-se a interioridade corpórea e, desse modo, o próprio entendimento de vida alcança novos significados. Viver ganha um contorno de ressonância (Bois; Rugira, 2006). Não apenas se restringindo ao acontecimento (fui à praia), mas se ampliando ao que se sente a partir dele intimamente (quando meu pé tocou a areia molhada e a água resvalou em minha canela, esfriou-me inteira por dentro, dos dedos dos pés até o couro cabeludo, fazendo-me arrepiar os pelos todos e suspender a respiração por segundos, entretanto, minha pele se aquecia com sol a pino e atentando para o topo da minha cabeça que quase fervia, senti o frescor me alcançando agradavelmente).

Sabemos profundamente, no corpo que somos, que está tudo bem quando aprendemos a desfrutar, deleitar-se com a vida, entregar-se aos pequenos prazeres diários, mínimos, como a alegria de se dar conta da bexiga esvaziando, um banho quentinho ou o sol aquecendo nossa pele, um gole de água fresca, a textura macia de um tecido sobre nossa pele, o frescor de uma brisa, a percepção da gentileza do nosso próprio toque.¹⁸

A maravilha de existir deveria consistir na experiência de fruir a vida de verdade, para todas as pessoas, mas só uma restrita parcela pode e, em vez disso, está rendida a um sentido utilitário da vida, autoenganando-se, em vez de autopercebendo-se. A utilidade da vida, a precariedade, a violência e as guerras são criações da humanidade apartada da vida. Não é destino de ninguém: “nós estamos aqui para fruir a vida, e quanto mais consciência despertarmos sobre a existência, mais intensamente a experimentamos” (Krenak, 2020, p. 113). Escapar dessa captura e experimentar um existir que não se rende ao utilitarismo da vida cria

¹⁸ Trecho baseado em uma fala de Rubem Alves no programa de televisão *Provocações*, apresentado por Antônio Abujamra, exibido em 5 de maio de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SBLi8ekUoFs>. Acesso em: 15 nov. 2024.

contato com a vida de fato, a vida no corpo que somos, um lugar íntimo que ninguém acessa a não ser nós mesmas.

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos. Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom (Krenak, 2020, p. 59).

A maneira utilitária, automatizada, restrita, reduzida, apertada e superficial de fazer contato com as percepções, tenho chamado de ARMADURA; ao passo que a ampliação, o questionamento e o aprofundamento do perceber e da experiência de vida com um registro contundente e acessível do que é estar bem tenho denominado ABERTURA. A essas designações me dedico nas próximas seções.

2.3 HISTORINHA DO CAMINHAR: ENCONTRO E REGISTRO

Em agosto deste ano, participei do IX Encontro Sergipano da Educação Básica (ESEB), ministrando o minicurso intitulado “Educação Somática na Educação Infantil: aprendendo a estar consigo para estar com as crianças”. Uma oportunidade encantadora de encontrar com mais pessoas praticando o estar. Um encontro muito importante aconteceu lá para mim. A professora Letícia Carolina Nascimento era ministrante de uma palestra e me deu a honra de estar comigo participando do meu minicurso. Que alegria! Um parêntese enorme. (Conheci a professora Letícia no Seminário do grupo de pesquisa HCEL. Sou extremamente grata a esse encontro proporcionado pela professora Maria Cecília de Paula Silva, que confiou a mim a responsabilidade de estar mediadora naquela mesa em que professora Letícia seria palestrante, mesmo eu sendo recém-chegada ao programa. Um encontro profundamente sentido e devidamente registrado). Voltando ao ESEB e ao minicurso, uma das práticas que levei para compartilhar com as pessoas foi o registro do sentir. Dei para cada uma delas um caderno de tesouros para que pudessem anotar as sensações, as descobertas, os estranhamentos; o novo, para torná-lo conhecido. Convidei-as a manter esse exercício para além do nosso encontro. Considero o registro como imprescindível à propositura do fazer diferente, afinal, as reproduções são mais fáceis porque estão pavimentadas e oferecem um acesso fácil. Precisamos construir acesso ao fazer diferente e, assim, registrar se faz indispensável nessa construção. É o que experimento fazer todo o tempo, tenho alguns cadernos de tesouro e canetas espalhadas

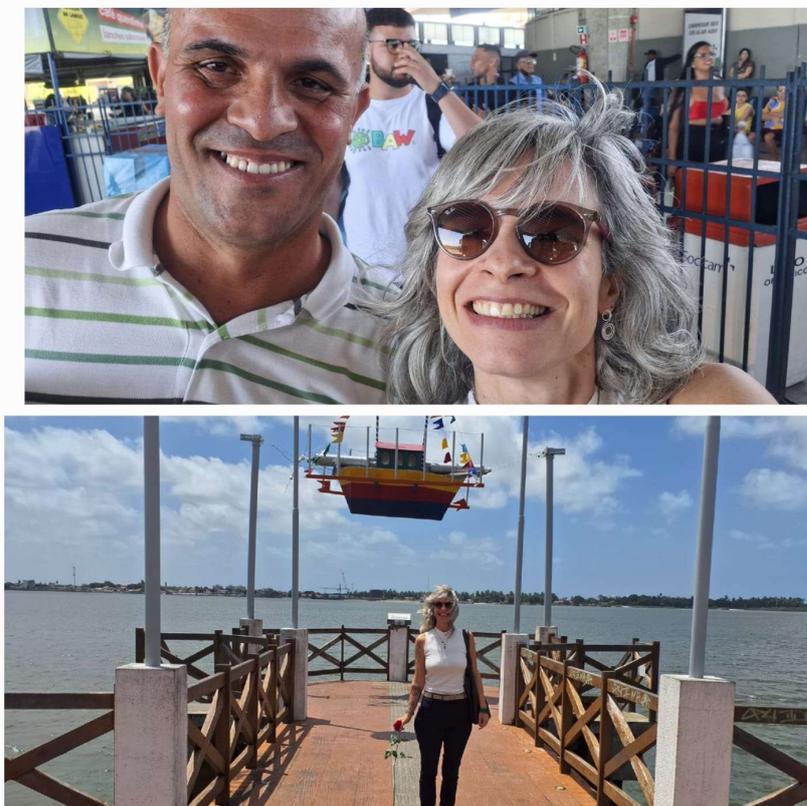
nos meus lugares: do lado da cama, na mesa de trabalho, na mesa de artes, na bolsa, na mochila, no bloco de notas dos dispositivos eletrônicos, em qualquer guardanapo com caneta emprestada do amigo garçom. Os registros escritos, pintados, desenhados colaboram para os sentidos, sonhados, desejados. Mais uma costura para a teia da vida. Bom, e nessa ida para Sergipe tive muito a registrar. Na manhã livre que tive antes de voltar para Salvador, fui ao Mercado Municipal e ao Museu da Gente Sergipana, aceitando a sugestão de Beatriz de França, participante do minicurso e bolsista da professora Marília Menezes, coordenadora do ESEB. Primeiro, fui de ônibus até o mercado e já no ônibus recebi a gentileza de uma moça pagar minha passagem porque lá só se paga com o cartão de transporte e como eu não o tinha precisaria saltar no terminal para pagar e voltar ao mercado. Lamento não ter registrado seu nome, sinto que era Paula, mas registrei o estranhamento de receber a gentileza, logo eu que tanto já fiz o mesmo. A mudança de posição era nova e estranha, mas se transforma quando registrada. No mercado, encontrei a Passarela das Flores e conversei com Dona Josete, uma das floristas. Contei a ela que não tinha encontrado o contato dela quando procurava flores para levar para o minicurso, expliquei sobre indexação no Google e me disponibilizei a explicar para quem a ajudava com essas coisas de computador. Quis comprar uma rosa dela, mas ganhei de novo uma gentileza. De lá, fui ver os artesanatos e adivinhem o que encontrei? Uma arte de madeira canabrava, muito similar aos meus desenhos e, de quebra, ainda conheci o artista que a cria: Sr. Adilson. O abraço dele está bem registrado aqui em mim. Trocamos número de telefone e mostrei a ele meus desenhos, ele entendeu minha admiração pela arte feita por ele. Rumei para o Museu da Gente Sergipana e me deslumbrei sabendo mais da gente a qual pertencço. Meu avô é de Poço Verde, terra do centro-sul sergipano, local da manifestação cultural “Os Parafusos”, que representa as fugas, a engenhosidade e resistência de pessoas escravizadas para viver contra todas as violências. Mais um ponto onde beleza e terror se encontram. Saindo de lá, achei uma carona que me fez não perder o ônibus de volta para Salvador. Chegando na rodoviária, ouço meu nome sendo chamado, era Sr. Agnaldo, porteiro do prédio onde moro, um amigo com quem troco café, bolo, sopinhas, longas conversas, lágrimas e muitos risos. Uma presença constante desde a qualificação e que se encaminhou para defesa. Ele estava visitando seu irmão, ambos são de Simão Dias, também no centro-sul sergipano, como meu avô. Voltamos no mesmo ônibus, admirados pelo encontro, registrado não só na fotografia.

Figura 11 - Artesanatos Sr. Adilson



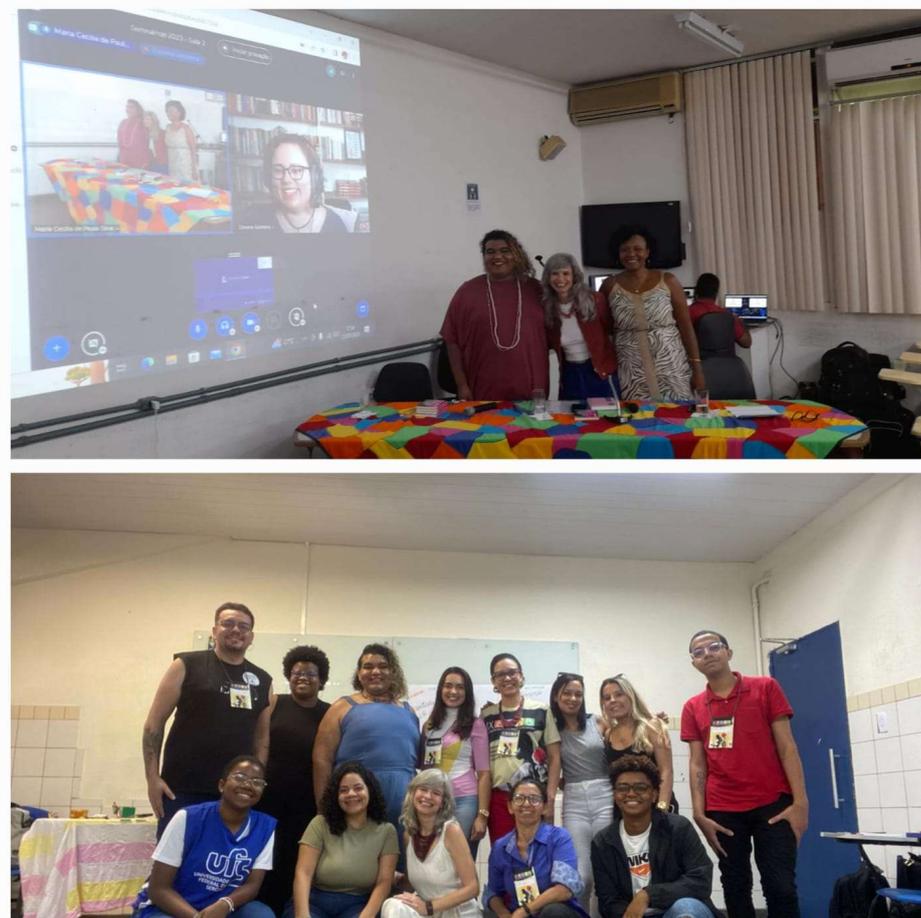
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12 - Encontro com Sr. Aginaldo e pátio do Museu da Gente Sergipana



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 - Seminário HCEL e Minicurso ESEB

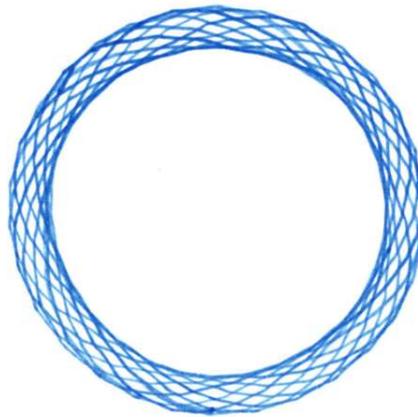


Fonte: Acervo pessoal.

3 ARMADURA

Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
(Prado, 2020, p. 19)

Figura 14 - Armadura



Fonte: Produção minha (2024).

Colaborou para que eu chegasse a essa denominação, o conceito de *medicalização* cunhado por Illich (1975) e muito bem apropriado e desenvolvido pelo Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade.

Conheci a temática no 5º Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental, realizado em 2021, quando conheci a professora Cida Moysés, que convidou os presentes para participarem do Grupo Despatologiza, o qual realiza reuniões mensais, promovendo debates relacionados ao tema. Dentre as atividades, fui uma das transcritoras do encontro virtual intitulado “Despatologizar os problemas com drogas: Política punitivista para adolescentes explorados no tráfico de drogas”, com Paulo Malvasi e Joana das Flores, e mediação de Luciana Togni. Em 2022, tive o trabalho “Patologização do aprendizado: reconhecimento do corpo como prática emancipatória” aceito na modalidade Roda de Conversa, para o 8º Congresso Brasileiro de Saúde Mental.

Ao entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação, pude aprofundar ainda mais no tema a partir do encontro com a professora Lygia Viégas, integrante do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade e promotora de debates e reflexões sobre a normatização da vida.

A ciência, em suas muitas vertentes, desde seu surgimento, tem cumprido o papel social de normatizar a vida de indivíduos e de grupos sociais, contribuindo para a transformação

de problemas da vida em doenças, distúrbios, transtornos, anormalidades etc. “O que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria” segundo conceitos preconcebidos e instituídos como verdades ou crenças, é transformado em doença, em um problema do indivíduo (Collares; Moysés, 2016, p.75). Assim, adequar-se às normas, aos padrões, é uma questão de não ter problemas e, mais importante, de pertencer à classe aceita como normal, funcional, que *está bem*.

Desse modo, a medicalização é um sistema de negação do sentir, do direito de perceber dor, o próprio mal-estar, a tristeza e revolta do luto e, conseqüentemente, saber-se bem, apoiada, em segurança, relacionando-se consigo e com seu entorno (Illich, 1975). Assim, instala-se o temor e aliena-se da capacidade de reconhecimento e gestão dos próprios estados diante das condições da vida, inclusive dos fatores políticos, históricos e sociais relacionados com o próprio sentir (Gutierrez; Brandão, 2023).

Para Galeano (2023, p. 121) estamos diante do sistema de desvínculos que determina o silêncio, instaura a desunião e fragmenta as percepções, divorciando “a emoção do pensamento... a vida íntima da pública, o passado do presente”. Assim, estamos sozinhas, caminhando sobre uma estreita senda, muitas vezes, culpabilizadas pela opressão sistêmica de caráter multifacetado. Vamos nos apertando para caber no que é determinado e passamos a não caber nem mesmo em nós porque perdemos o fio condutor, o vínculo com a própria vida.

Preciso aqui recordar o recorte que faço para esta percepção, referente ao espectro em que atuo como ensinante-aprendente, contido na dimensão de centros urbanos; com acesso aos denominados direitos fundamentais relativos a esses espaços geográficos; em exposição às estruturas histórico-sociais brasileiras, embora em diferentes estados; com diferentes gradações interseccionais, contudo, com uma inserção em comum do que Krenak (2019) definiu como ilusão de ser humanidade, como já disse, e, representando uma realidade formatada, apartada de outras possibilidades que estão em curso, acontecendo e vibrando, outro tipo de relação com o tempo, o saber e o viver.

O excesso de atividades e compromissos, a rolagem infinita das redes sociais e a velocidade do tempo são patógenos resultado da promiscuidade entre a modernidade e o neoliberalismo, que derramam na individualidade a edição e reatualização, numa espiral sem fim, em “formas mais sofisticadas de (auto)exploração do tempo dos sujeitos num tal afã propagandístico que faz com que se acredite existir somente essa forma de viver no mundo, a única forma de vida é deixar explorar seu corpo e seu tempo ao máximo pelo capital” (Matos-de-Souza, 2024, p. 62).

Figura 15 - Armadura/Tenho corpo



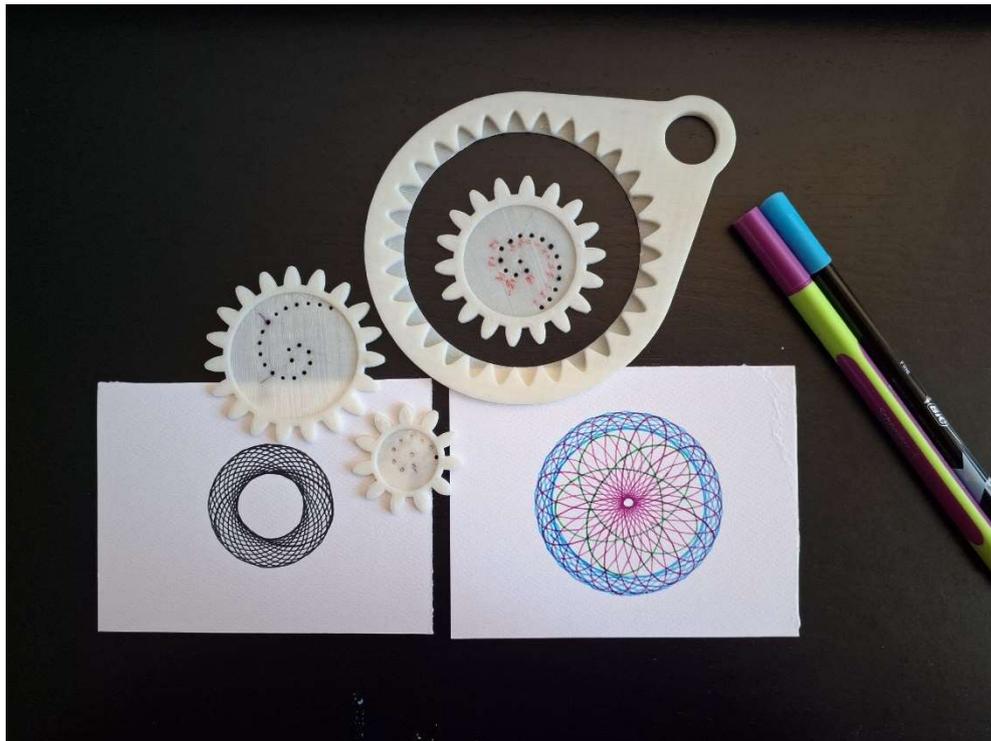
Fonte: Produção minha (2024).

O desenho da ARMADURA é uma representação imagética que encontrei para representar o determinismo, a redução das possibilidades, os atravessamentos estreitados, bem como do grande espaço que pode ser ocupado a partir da movimentação das estruturas, principalmente, daquilo que compreendemos como nós mesmas, especialmente, a partir do equívoco de que temos um corpo, quando, afinal, somos um corpo.

Um corpo comprimido e recalcado pelas normas institucionais, pelos estatutos dos dogmas morais, encavernado pelos espectros do medo, se encolhe e se impotencializa, se torna vítima da docilização e da subjugação. Um corpo disforme e domesticado se converte em objeto manejável pelos poderes instituídos. A pesura do siso, da sisudez que entrava, enrijece o corpo em armaduras compressivas, ata-o em nós que aprisionam. Esses estados de compressão do corpo atrofiam sua própria respiração, seu sopro vital, forjam processos de desfiguração e de desvitalização. Dessa forma, o corpo tende a bloquear suas potencialidades criantes, a ficar confinado nos circuitos emocionais dos ressentimentos, das atitudes defensivas que o impotencializam e o impedem de se rebelar de modo altivo, de dançar e de expressar as in-tensidades de suas dimensões simbólicas e anímicas (Araújo, 2008, p. 77).

Esse tipo de desenho me acompanha desde 2014. Ele é feito por meio de engrenagens, como se vê na Figura 16. É um tipo de desenho baseado no que se chama geometria sagrada, isto é, desenhos que exploram o desenvolvimento do número no espaço, o percurso básico do ponto à linha, da linha ao plano, do plano à terceira dimensão e além, retornando ao ponto, percebendo o que acontece ao longo do caminho; unindo conhecimentos dos números, da música e da cosmologia; linguagens simples e universais que nos convocam a perceber além, muito além do que já se conhece (Lundy, 2000).

Figura 16 - Engrenagens



Fonte: Acervo pessoal.

Embora possamos nos perceber aparentemente como paradas quando não estamos fazendo algo que consideramos uma ação, há movimento acontecendo o tempo inteiro em nós e ao nosso redor. Uma dança cósmica, ínfima e gigantesca, que nos afasta e nos une em beijos simbólicos, encontros cíclicos, cada uma fazendo parte de uma grande teia cujo tamanho e intensidade não podemos medir, um saber plural deslumbrante e inspirador que se expande conforme nos orientamos ao entendimento do que é esse todo do qual fazemos parte (Martineau, 2015; Aydar, 2024).

Podemos nos voltar para trás, tanto para o agora mesmo e perceber quantas *verdades* foram desfeitas e ainda precisam ser; quantas pessoas foram rechaçadas, mortas, queimadas e crucificadas por atentarem contra elas; quantas pessoas ainda o são. A terra plana, a terra como centro do sistema solar, o monarca como detentor do poder divino, as mulheres como portadoras do mal original, a Europa como centro do saber; o racionalismo; o adultocentrismo, a heteronormatividade, o patriarcado e a branquitude como lógicas hegemônicas.

Nós ignoramos nossa interdependência, acreditamos mesmo nessa mentira deslavada que nos contaram sobre ser pessoas humanas superiores (só um grupo restrito) a tudo que há no planeta (Krenak, 2019). O povo Nasa da Colômbia usa o termo *nasa* com o significado de “gente”, mas gente não é só pessoa humana, é tudo o que há; montanha é gente, rio é gente, árvore é gente, rocha é gente (López, 2012).

Krenak (2019) relata várias histórias sobre uma pedra irmã, uma montanha que muda de humor, e questiona: por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa hegemônica e superficial a que chamam de razão? Eu não tenho dúvidas, sou irmã das águas que escoam para dentro do céu no horizonte, das águas que se invisibilizam para seguir seu curso, virando rios voadores que sussurraram seu poder para a cientista queniana Beth Koigi que, sabendo das águas invisíveis que habitam o ar, desenvolveu uma tecnologia para torná-las potável e acessível em regiões áridas.¹⁹

Assim, em vez de nos comprimirmos dentro das lógicas dominantes que representam concepções que tomam o diverso como impossibilidade e, de fato, são interdições às experiências possíveis, podemos nos permitir descortinar nossos infinitos particulares, lidos como menores, pois estão excluídos do que é considerado como conhecimento, ciência e filosofia (Matos-de-Souza, 2024).

Em verdade, toda pessoa é artista e cientista. Se não exercemos, se não fizermos nossa arte nem nossa ciência, qualquer arte, qualquer ciência nos fará. Toda pessoa é criativa e curiosa, toda pessoa é artista e cientista. A arte é o fazer, a ciência o saber. Só sabemos fazendo, se apenas repetirmos o que já foi feito, estamos abdicando do nosso saber, do nosso fazer, da nossa ciência, da nossa arte (Pordeus, 2010).

Figura 17 - Educação somática/Armadura



Fonte: Produção minha (2024).

¹⁹ O PAÍS. Cientista queniana distinguida pela “Time” como “líder da geração”. **O País**, Moçambique, 20 out. 2024. Disponível em <https://opais.co.mz/cientista-queniana-distinguida-pela-time-como-lider-da-geracao/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

3.1 HISTORINHA DO CAMINHAR: INCERTEZAS E DESABROCHAR

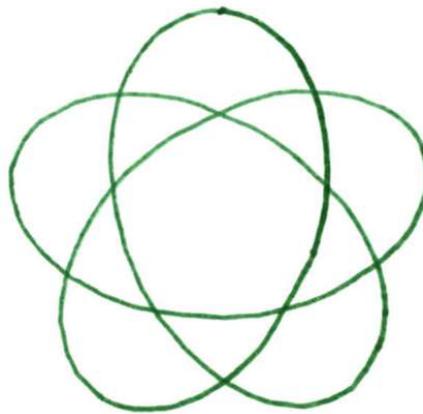
Como já disse, uma das minhas armaduras que reconheço é a busca pela certeza, pelo certo e pelo justo, e isso me fez, algumas vezes, perder a destinação, mas, com atitude atenciosa, sempre retomei minha orientação. Depois desse percurso, acredito que ficará ainda mais fácil o movimento de retomar porque um registro mais profundo se sedimentou. No início, eu ainda me ludibriava pela ciência com “C” maiúsculo, julgando que carecia dela para justificar meu trabalho pelo corpo que somos para o aprender. Ainda bem que senti que podia me desvencilhar daquela armadura. Uma das autoras daquela ciência a quem eu recorria era Nazareth Castellanos (2023) e ela era muito convincente para mim porque no exercício de ensinante-aprendente eu me deparava com muito do que ela professava. Assim, dei-me conta mais uma vez de que declinar de uma pretensa segurança é tudo que necessitamos para encontrar a preciosidade que não enseja dúvidas. Descobri que aquela autora em que me baseava tinha também um livreto no qual renuncia, de algum modo, às certezas dos laboratórios de neurociência em favor da experiência vivida por compreender que nenhuma pesquisa poderia superar o viver e que, em suma, as pesquisas reduzidas aos artigos puramente científicos ocultavam uma essência que não subsiste sem recorrer à filosofia, à história, à arte, à literatura e a sentir-se corpo. Observar a si e ao mundo que nos rodeia não é uma técnica, mas uma propriedade da vida que nem sempre podemos exercer. Foi sentindo, portanto, que os povos do Pacífico Sul se orientaram em mar aberto, observando a si e o mundo ao redor, o sol, as estrelas, os ventos, os pássaros, as nuvens e as marés, um saber transmitido através de canções²⁰. Com meu sentir, percebendo a mim e ao mundo, pude dançar para fora de minhas armaduras e floresci. Desabrocharam minhas pétalas.

²⁰ HOKULEA. History. Disponível em: <https://hokulea.com/history/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

4 ABERTURA

Deixa ir a flor! deixa-a ser asa, espaço, ritmo,
desenho, música absoluta, dando e recuperando o
corpo esparso que, indo e vindo, se observa, e ordena,
e escuta...
(Meireles, 2000, p. 57)

Figura 18 - Abertura



Fonte: Produção minha (2024).

Conhecemos vivendo. Viver é a ação efetiva de existir como corpo. Assim, reconhecer-se corpo é, antes de tudo, reconhecer-se como um registro de vida; a materialidade da existência humana, cujo valor está em sua capacidade expressiva para registrar e transmitir, desde reações imediatas até sentimentos profundos, incluindo, igualmente, o pressentir (Maturana; Varela, 1995).

O corpo que somos é múltiplo, polissêmico e único em sua infinidade de possibilidades. Ele narra através da cor, da temperatura, “do rubor do reconhecimento, do brilho do amor, das cinzas da dor, do calor da excitação, da frieza da falta de convicção” (Estés, 2018, p. 230). Reduzir, determinar ou limitar o valor do corpo a qualquer entendimento inferior a esse esplendor é recusar sua legitimidade e privá-lo da singularidade da própria essência.

Dessa forma, diante de tantas restrições e privações representadas pela ARMADURA, é necessário abrir as comportas dos pontos adormecidos, para que ali volte a jorrar um saber e um fazer conjugados, um aprender oriundo da própria carne e de seu mover no mundo; da ação; do conflito e da contradição; da intersecção. Envolver-se na percepção que emerge dos lugares sensíveis da corporeidade, aguçar a atenção para captar informações não observadas, não sentidas antes de se compreender habitando (Bois; Rugira, 2016).

Essa percepção de emergência da corporeidade encontrei na obra da artista Lygia Clark, que concebeu uma exposição chamada *A casa é o corpo*, em 1968. Três anos depois, em 1971, um dos seus escritos revelou uma inversão de seu entendimento sobre sua obra anterior. Ela teria compreendido que, na verdade, o corpo é a casa; a maneira anterior por ela concebida era segregante e não relacional como, posteriormente, percebera.

Em geral o conceito é amarrado antes e introjectado depois. Aí que cria a decalage das minhas crises e também o meu crescimento. Acho que pela primeira vez amarrei na vida o novo conceito O corpo é a casa que ao meu trabalho me religa com o mundo me faz crescer e é oposta as series antecedentes em que o homem era objeto de si mesmo. Acho que acabo de entrar no mundo para valer! (Clark, 1971).

Depois que Lygia Clark entra no mundo para valer, passa a desenvolver experiências através dessa ideia relacional daquilo que nos encontra, como nos afeta e como expressamos. O que o corpo que somos elabora, um antiobjeto da arte que existe pela expressão do corpo, que já é arte, que já é ciência através de sua linguagem peculiar de qualidades plurissensoriais, “no fluxo entre o cheio e o vazio, do movimento da ausência e da presença, do dentro e do fora, do leve e do pesado do quente e do frio”, que imprime unidade ao acontecimento em suas múltiplas faces (Lygia, 1985).

Uma outra Lygia, a Viégas, me disse um dia: “Você é da arte, Manoela”. Aquela afirmação me inquietou, como se, de alguma maneira, a afirmação me reduzisse. E faz todo o sentido ter sido afetada daquela maneira quando carrego em mim estilhaços das bombas reducionistas que colocam a arte, a magia e tantos outros saberes como menores e até mesmo ingênuos (Matos-de-Sousa, 2024).

A atenção e o reconhecimento das sendas estreitas não as retiram da nossa história, dos caminhos percorridos, do sistema de desvínculos em franca atuação. Contudo, uma vez que estejamos cientes, podemos lidar com a afetação que nos causa e escolher, dentro do pouco que nos é facultado, agir distintamente.

Aos trinta e dois anos, fiz minha primeira tatuagem, no centro das costelas, à direita; é uma frase dentro de um filtro de sonhos que diz: “corpo, alma e poesia, eis o que sou, todo o resto apenas estou”. É um recorte de um texto que fiz sobre mim. Naquela época, há 10 anos, eu não fazia ideia do quanto me aprofundaria no saber sobre os estados do corpo que somos, embora exercesse já uma prática intensa do saber sobre meu estar para estar com outras pessoas e os estados de criança. Reformulo, portanto, a afirmação sobre mim – “você é da arte, Manoela” – da seguinte maneira: Eu permito que a arte, presente na vida, esteja entre mim e o entorno, eu sei o caminho para reconhecê-la, e, uma vez encontrada, eu sei expressar a afetação no corpo

que sou. Eu sei criar, acessar, ser tomada pelos ralos dos registros mais antigos, mas, também, tomar para mim o sentir e agir a partir dele, gerindo o velho e gestando o novo. Experimento a arte como o fazer capaz de redesenhar mundos pelo encantamento (Willemart, 2022).

Escrever, dançar, pintar, bordar, fazer dobraduras de papel, exercer a criatividade e me expressar de tantas maneiras, costurando um caminho ao meu encontro, no mundo e de frente a tantos rótulos, etiquetas, formatações e, principalmente, dores. Costumava dizer que fazer tatuagem é uma tentativa vã de controlar as dores que me afetavam. De fato, não podemos controlar as dores, entretanto, atravessando uma ponte de atenção a elas e a nós mesmas, podemos, talvez, devamos nos dedicar a entendê-las, recorrer ao que nos ajuda a estar com elas e com tantos outros estados, para alcançar o pouco que somos. Afinal, nem mesmo os fanáticos pela objetividade podem se salvar da própria dor, só adiam o encontro com ela (Galeano, 2023).

Ferreira Gullar asseverou que “a arte existe porque a vida não basta”²¹, dito somente isso, parece significar que a vida por si só é pouco. Talvez, a vida que não baste e precise da arte para se salvar é uma vida reduzida, determinada, recortada de um todo, limitada a uma estreita senda. Gullar segue dizendo que a arte acrescenta à vida; a tela de Van Gogh, *Noite Estrelada*, acrescentou à existência humana mais uma noite. Disso, concluo que a arte é a expressão humana da vida, é como podemos sentir a vida, é criação e invenção, como ele também diz, mas não separada da vida. Nós somos arte.

Phylicia Rashad disse que antes de falarmos, nós cantamos; antes de podermos escrever, pintamos; assim que conseguimos ficar de pé, dançamos. “Arte é a base da expressão humana.”²² A arte está na gênese, na formação da vida a partir da corporeidade, do registro que se encontra num sentir ímpar e narrado pelo saber incorporado que se transmite pelo movimento, pelo criar, pela memória do agir (Martins, 2003).

A expressão humana restrita à objetividade da escrita rigorosa e formal, à exaltação de um dos sentidos; o que se vê; corrobora para a captação da vida a partir de pontos fixados e reducionistas, excluindo percepções polissêmicas e sinestésicas que ressoam com a complexidade do viver (Alves, 2003). Cindir a arte da vida, estabelecendo a ciência, o livro, a grafia alfabética como única fonte de conhecimento é um modo de silenciar saberes e instrumentalizar o domínio de poucos (Martins, 2021).

²¹ A frase de Ferreira Gullar inspirou o documentário *A vida não basta* (2013), dirigido por Caio Tozzi e Pedro Ferrarini.

²² No original: “Before a child speaks, it sings. Before they write, they paint. As soon as they stand, they dance. Art is the basis of human expression”. Embora seja uma frase largamente divulgada e atribuída à artista, não pude encontrar a referência exata.

Nise da Silveira, criadora da arteterapia, uma militante do cuidado integrativo e ferrenha opositora do fisicalismo e do mecanicismo (ambos frutos do racionalismo fundado por Descartes), calcava suas críticas e seus métodos numa reintegração do que foi cindindo, fazendo com que as pessoas sob seus cuidados resgassem ontologicamente a percepção e expressão de si mesmas (Magaldi, 2018).

Perceber o corpo que se é – uma festa –, compreender e expressar a própria história, superando o imediatismo das histórias que contam sobre e para nós – culpa, máquina, negócio (Galeano, 1994) – é ir em direção oposta, abdicar do aparente conforto do que está posto e manter uma posição muitas vezes desgastante (Matos-de-Souza; Gaviria; Souza, 2018), afinal, há um ciclo vicioso de reprodução que, uma vez conhecido, é lido como seguro, e ir contra o fluxo disso pode parecer demasiado perigoso.

Para criar referências novas é preciso arriscar a aprender um novo fazer, exercitar a indignação para contestar a fatalidade das diferenças individuais como medida de exclusão (Patto, 2022). Aquecer a frieza do vazio que se herda de uma certeza racionalista inexistente para nos aproximar de uma dimensão prática da subjetividade capaz de interligar novamente meios e fins e ampliar nossa percepção da realidade, da história que passa por nós e de como passamos por ela (Silva, 2001).

É no corpo e para o corpo que se direcionam dizeres, forças e moldes. Não havendo mentes que caminham, vagam, perambulam fora do corpo, não há também ações e reações que sejam capazes de atingir, senão o corpo, onde quer que seja ou esteja (Franco, 2024). É o corpo que contém ou suprime os pontos interseccionais, as demandas sociais, os meandros da história, os privilégios, as opressões, as existências e resistências. É o corpo que é atravessado pelo sistema de desvínculos, para que não haja perguntas, posicionamentos, rebelião, “para que não se juntem os solitários” (Galeano, 2023, p. 121).

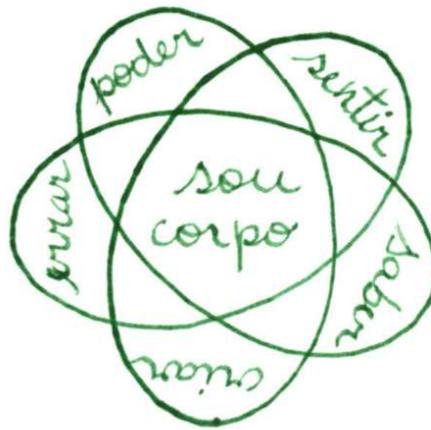
Assim, o corpo que somos integra organicidade e simbologia, dessa forma, as tentativas de segmentá-lo é reduzir sua infinitude que abrange, não paradoxalmente, sua tangibilidade que acomoda o intangível e traduz, com as texturas de sua carne, “visível e invisível, as contexturas da carne do mundo, de suas ambiguidades e obliquidades” (Araújo, 2008, p. 73). Portanto, compartimentar a existência é um modo de nos fazer caber onde mais convém para manter domínios.

Admitindo essa ideia ampla, cheia, aberta, que abarca afetações às corporeidades, narrações e criações possíveis para mundos ainda submetidos a uma governança que se delinea por impossibilidades (Kilomba *et al.*, 2022), coloco-me à disposição para ensinar, mas, acima de tudo, aprender a estar com todas as condições que cada pessoa sendo corpo diante de mim

apresenta; enquanto aprendo, ao mesmo tempo, a estar também com todas as minhas condições oceânicas do ser, infinitas, comportadas pelo litoral da pele.²³

O desenho ABERTURA é, portanto, um convite a estar com os próprios estados, revisitar seus primeiros aprendizados do estar criança, desaprender, balançar, cair e levantar. Dançar entre os pontos, rodopiar pelas convicções, desfazer os nós, criar elos, atravessar pontes, fazer e desfazer, autorizar-se e permitir encontrar o novo, o mesmo corpo, o mesmo eu, a mesma essência, com outras percepções e sensações de implicação da própria carne com o mundo em presença e consciência compreensiva (Araújo, 2008).

Figura 19 - Abertura/Sou corpo



Fonte: Produção minha (2024).

A Figura 19 é composta por cinco pétalas proporcionalmente intercaladas, formando um centro pentagonal, onde eu disponho a percepção *sou corpo*, a partir dela, o acesso a espaços de pausas delineados pelas pontas basilares de cada uma das pétalas, as quais nos direcionam ao topo das cinco pétalas que contêm, por sua vez, ações que solidificam a abertura: *poder, sentir, saber, criar e errar*, independente de ordem para se sucederem.

Dessa maneira, a mudança de percepção, *tenho corpo* para *sou corpo*, nos convida à pausa para acomodar a nova compreensão, à descoberta de outras possibilidades, ao reconhecimento do que já foi vivido. E, finalmente, nos conduz a um agir baseado no sentir; um fazer novo que envolve criação e não mais reprodução; admitindo os equívocos que se reeditam o ciclo de aprendizagem para romper com eles.

²³ Uma referência às frases: “Corpo é infinito com pele”, atribuída a Rafael Vergara (Feitosa, 2014, p. 57); e “Corpo é litoral no oceano do ser”, um ditado sufista citado por Levine (2012, p. 241).

Figura 20 - Educação somática/Abertura



Fonte: Produção minha (2024).

4.1 HISTORINHA DO CAMINHAR: CORES E AMORES

Depois do exame de qualificação, experimentei um congelamento em relação à escrita. Não conseguia estar diante do texto submetido e aprovado, era desconfortável, mas sabia que precisava estar com a pesquisa. Assim, como digo quando estou ensinando-aprendendo, precisamos saber muito bem o que é conforto para estar com o desconfortável. Para saber, precisamos fazer e vice-versa. Atendendo, inclusive, a uma orientação feita pela professora Letícia Carolina Nascimento no exame de qualificação: “fale do seu lugar de conforto”, senti que praticar o conforto era o que me restava naquele momento e me entreguei à pintura. Minha mãe, com seu amor, lembrou-me um outro momento de minha vida em que fiz o mesmo. Ela tinha guardado telas que pinte em tinta acrílica. Dessa vez, escolhi a aquarela, usava uns materiais bem amadores que tinha aqui e Márcio, meu amor, percebendo minha dedicação a estar comigo mesma e compadecido daqueles materiais rudimentares, presenteou-me com um conjunto profissional no Dia dos Namorados. Danei a pintar! Dediquei-me especialmente às paisagens, tudo que me conduzia à integração a partir da contemplação e passei a relacionar minha pintura justo com as atividades que sugeria de pausar, sentir, perguntar e registrar, os prazeres de casa. Pinte todas as paisagens fotografadas pelas aprendentes-ensinantes, amores meus, algumas já nem estão mais comigo porque dei de presente às respectivas. Vivenciei um entrelaçar de cores que me preencheu enquanto o gelo se derretia dentro de mim. Mais que isso, aprendi a estar profundamente com o fluir e as nuances do estar criança com a liberdade da aquarela. Não tentava reproduzir as fotografias e imagens, nem poderia, fazia um novo retrato,

um reflexo do meu sentir, da alegria, do pesar, do amor, da angústia, do significado por saber-me insignificante diante de tanta grandeza e por ser grande com coisas sem tamanho, sem dimensão e tão valorosas, como o encontro. Uma vez na xerox de ADM, do lado da FACED, aguardando ser atendida pelos amores de lá, especialmente Renan e Adriele, observava uma moça bonita e arrumada, com o turbante e um vestido de estampa linda, ela estava de costas para mim e quando virou se deparou com meu sorriso, ela sorriu de volta, passou por mim e retornou assertiva: “Você é da arte, né?”. Sem ter outra opção de resposta, assenti: “Sou”. Ela afirmou: “Eu senti”, virou as costas e saiu. Outras cores que incendiaram meu coração foi a visita à exposição *Armorial 50*, em reverência ao movimento proposto por Ariano Suassuna que, no meu sentir, se relaciona com o movimento que intento demonstrar aqui. O Movimento Armorial converge várias expressões artísticas para uma vivência cultural genuína e livre de demarcações ditas eruditas e sapientes. Suassuna é um nordestino que, ao longo de sua vida, usufruiu de seus privilégios para mover-se contra as armaduras na tentativa de romper as engrenagens, propondo sempre uma abertura para a percepção de novas acomodações nas estruturas. No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), isso fica bem evidente, especialmente quando recorre a Machado de Assis para explicar a cisão vivida no Brasil e se afasta de Euclides da Cunha por entender que, por mais que ele tenha o influenciado a perceber o Nordeste, o fazia por vias equivocadas e permeadas pelos dogmas da colonização. No discurso, ele ainda diz que: “Sempre que nos descobrirmos no caminho do erro e do processo histórico oficial, devemos obrigar-nos a um exame de consciência tão rigoroso quanto os religiosos, procurando então retomar o caminho real oposto. É o que teremos de fazer a cada instante, se é que desejamos realmente transformar o nosso País numa verdadeira Nação, num Brasil que seja grande e justo, e não apenas vulgar, injusto e falsamente próspero como se vem tentando. Sem êxito à vista, aliás. Atualmente, o que estamos conseguindo é um pacto demoníaco, através do qual vendemos a alma sem nada conseguir para o corpo” (Suassuna, 1990). Ao final, almeja que a cisão seja substituída pela indispensável identificação. É um desejo meu também, quando repetidamente falo sobre acreditarmos que estamos separados do que é natureza, não nos identificarmos com nossa essência, nossa memória e história. Por isso que, como Suassuna, valho-me também do pensar genial, consagrado e indiscutível para que ninguém diga que estou mentindo, mas, na verdade, tudo que conto está nas cores e amores que sinto (Suassuna, 2014).

Figura 21 - Exposição Armorial 50



Fonte: Acervo pessoal.

4.2 HISTORINHA DO CAMINHAR: SONS

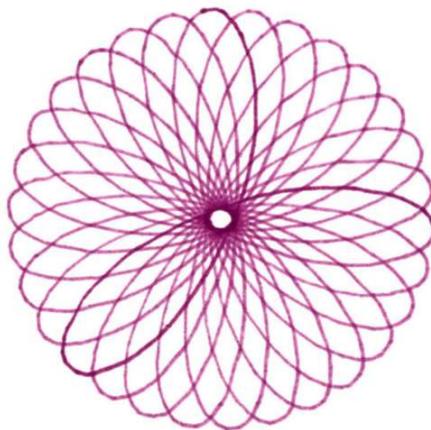
Senti que não poderia deixar de contar um pouco mais sobre música, sendo que ela está tão presente aqui. Não dançamos sem um ritmo, afinal de contas, mesmo que a música não esteja tocando, sentimos ela dentro da gente, o ritmo é intrínseco, pulsante nas veias, na vida, em nós. Uma vez, há muito tempo, fui ao museu a céu aberto de Inhotim e lá visitei uma instalação cujo nome era “O som da Terra”. Tratava-se de uma construção delicadíssima, abobadada e espiralar com um buraco bem fundo, cavado no meio dela. De lá saía um som lindo, profundo, comovente, forte, encantador e assustador ao mesmo tempo. Podíamos sentar e deitar ao redor dele para entrar em contato com aquela maravilha, o som da nossa mãe. Fiquei horas lá e até hoje posso reviver as sensações daquele momento em mim. Agora, na escrita, percebo outros sons ao meu redor. O banheiro social deste apartamento onde estou morando com Márcio, num prédio bem antigo e nem tanto conservado; todavia, de frente para o mar, tem um fosso do qual emerge todo e qualquer tipo de som que a vizinhança porventura emita (estamos inclusos aqui). Tenho

tanta sorte de poder estar diante do mar nessa morada que acharia tolerável e não me admiraria se os sons advindos dali não fossem agradáveis. Entretanto, pasmo, de lá saem as mais belas melodias instrumentais, algumas clássicas e bem conhecidas, outras completamente estranhas, arrojadas, mas, igualmente, chegam a mim com um tremendo e sutil encantar. Então, volta e meia, sou surpreendida com a escolha tão feliz (imagino que haja lá também outras emoções e sentimentos) dessa pessoa que divide conosco o mesmo fosso de ventilação. Neste exato momento, escuto uma sonata para violino e cravo que me abraça de uma maneira com a qual nada mais poderia assim fazer. Marejam meus olhos, minha pele se aquece, a presença é aguçada e um ínfimo bailar me estremece internamente. Uma verdadeira dádiva.

5 RUPTURA

Agora eu conheço esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva. De estar viva – senti – terei que fazer o meu motivo e tema. Com delicada curiosidade, atenta à fome e à própria atenção, passei então a comer delicadamente viva os pedaços de pão. (Lispector, 2004, p. 114)

Figura 22 - Ruptura



Fonte: Produção minha (2024).

Depois de ter criado desenhos com essas concepções, descobri por meio de Galeano (2023) o termo *sentipensar*, como um conceito magnífico que define a linguagem que diz a verdade, segundo pescadores colombianos. Fui, então, pesquisar o termo e descobri toda uma estrutura de viver baseada em conexão e percepção ampla de pertencimento com o todo, um saber próprio de estar na vida com integração (Burbano, 2019; López, 2012).

Sentipensar é uma compreensão da dimensão inseparável entre razão e emoção, bem como da relevância de perceber o que afeta o nosso modo de estar no mundo por meio do corpo que somos, e, através do sentir, poder refletir sobre nossos estados, nossas ações, nosso fazer a partir de uma episteme desvinculada dos conceitos da modernidade que nos separam em porções, segmentam-nos e fragmentam, portanto, nossas percepções do mundo de igual forma (Freire; Del Gaudio, 2021).

O conceito de sentipensar nos convida a um estar no mundo integrando nossas porções e nos confere o próprio romper com a percepção de pensar, sentir e fazer separados, padronizados, segmentados, limitados às forças hegemônicas que se reatualizam quando

seguimos sem questionar, automatizados nos modos conhecidos que lemos como seguros porque conhecidos.

A RUPTURA é admitir nossas subjetividades, nossos caminhos sinuosos, nossas órbitas particulares, frequentemente obnubiladas pelos espaços reduzidos e estabelecidos objetivamente, que suprimem os avessos, a contraluz, o lusco-fusco e principalmente nossas dores (Galeano, 2023). Ser corpo objetificado, enquadrado numa expectativa, reduzido a estados prescritos como aceitáveis, não acessa, mas guarda espaço para encontrar o novo, o desconhecido, o inesperado.

A dor, assim como o desconforto, é o mal que ninguém quer enfrentar na contemporaneidade. Por isso, os absurdos seguem crescendo, reeditando-se sem que se diga um pio. Assim, o ímpio se alastra como se bem fosse. Como sapos sendo cozidos na água que se esquentava lentamente, até que não sejamos capazes mais de pular da bacia. Quem está pulando, vivendo, experimentando, tende a não ser tolerado, porque “nosso tempo é especialista em criar ausências do sentido de viver” (Krenak, 2019, p. 26). A humanidade que estamos sendo convocadas a viver não tolera nem verdadeira fruição de vida, nem a dor inerente à vida porque deriva de homogeneização, almeja um viver protocolar sem diversidade, sem alegria de viver e sem que haja tristeza também.

Estamos em busca de uma garantia que é contra a essência da vida: impermanência, onde absolutamente nada é garantido. Dessa forma, o desejo de controlar cria neutralidade, permanência num lugar fixo e não se vai a lugar algum. Esse desejo de controlar, na verdade, é medo de se envolver com o tudo que é a vida, inclusive o desconforto; queremos estar blindados, protegidos por uma ARMADURA (Krenak, 2023).

Romper com a blindagem é enfrentar o desafio de estar na vida com tudo e encontrar com os pilares de nossa constituição como pessoa humana, como sujeito político, à medida que descobre e exercita o poder de se saber. Inaugurar-se epistemologicamente, à medida que descobre e exercita o mover-se, o deslocar-se, o saber como poder de agência do sentir, do narrar-se para si e para o mundo, estabelecendo trocas, redes e pertencimento com a vida (Reis, 2011).

Para pertencer basta nascer, estar vivo e já se é natureza também. A natureza não é o que fica de fora. Natureza somos nós mesmas. Do latim, a palavra natureza provém de *nascor*, aquilo que nasce. Em muitas línguas originárias não há palavra que designe natureza como algo à parte de nós. Ailton Krenak diz que essa concepção de natureza, como algo diferente do que

somos, surge com a modernidade, decerto, uma herança cartesiana de dar sentido à existência pelo pensamento.²⁴

Assim, uma vez que pertencemos como corpo que somos, como já disse, não havendo nada que seja “obscuro na natureza, apenas modos inventivos de viver contra todos os obstáculos”²⁵, podemos criar RUPTURA e buscar pela nossa porção inacabada, impermanente e nos dedicarmos ao bailado cósmico da vida, para sermos-estando, animando o existir, dando sabor ao saber pelas trajetórias imbricadas nas dores e delícias de sermos²⁶ corpo. O “fremir de dores e de prazeres constitui a dinâmica intensiva da corporeidade como estados coexistenciais e, portanto, complementares e interdependentes, nos processos de constituição e de lapidação” da existência humana (Araújo, 2008, p. 76).

Romper é, sem dúvida, negar às formações dadas, ao superficial, aprender a resistir ao imediato do existente hegemônico, assumir nossas próprias contradições e polissemias, (Matos-de-Souza; Gaviria; Souza, 2018). Entretanto, negar não é simplesmente suprimir, mas sentir que é possível uma outra posição para se estar e, dessa forma, não se pode dispensar o mover-se, porque não se nega de um lugar neutro e parado, mas indo em direção a outro ponto (Silva, 2001; Krenak, 2023).

Assim, propor-se a esse movimento é também abdicar de um conforto de estar no fluxo da corrente dos processos preestabelecidos.

É difícil resistir à onda, ao mar, às imagens estabelecidas, aos processos confortáveis e amplamente aceitos, à lógica de testes e resultados, pois tanto do ponto de vista físico quanto intelectual há um esforço para ficar contra a corrente. Ficar com o que existe, obedecer aos seus limites, limitar-se aos sistemas já amplamente desenvolvidos, contribuir com uma folha para a árvore do conhecimento é muito mais cômodo do que tentar semear novas sementes e também lutar contra solos inférteis. Isso vale para a vida, mas também para os processos de pesquisa.

[...] posicionar-se na direção oposta, no contrafluxo, contra correnteza, na contradição é também uma forma de resistir. É colocar-se na difícil posição de quem percebe as linhas de fuga que ultrapassam um campo de conhecimento ou conceito, o que pode nos levar a questionar a reprodução e a reconhecer a diferença como uma descontinuidade que provoca uma ruptura com a noção de progresso, continuidade e coerência.

Nesse sentido, deslocar-se, física e conceitualmente, é fugir das representações dadas, do sistema conceitual já desenvolvido, dando origem à diferença de forma e conteúdo (Matos-de-Souza; Gaviria; Souza, 2018, p. 99, tradução minha).

²⁴ Essa fala de Ailton Krenak pode ser encontrada no canal do Youtube *SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida*, em um vídeo sob o título de “5 – Shiva e o beija-flor – Ailton Krenak e Satish Kumar – Conversa na Rede”, disponibilizado na internet em 19 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VXpGFsMpcsM>. Acesso em: 15 nov. 2024.

²⁵ Fala da personagem Kya Clark (interpretada por Daisy Edgar-Jones) no filme *Um lugar bem longe daqui* (2022); já citada na subseção 2.3 desta dissertação.

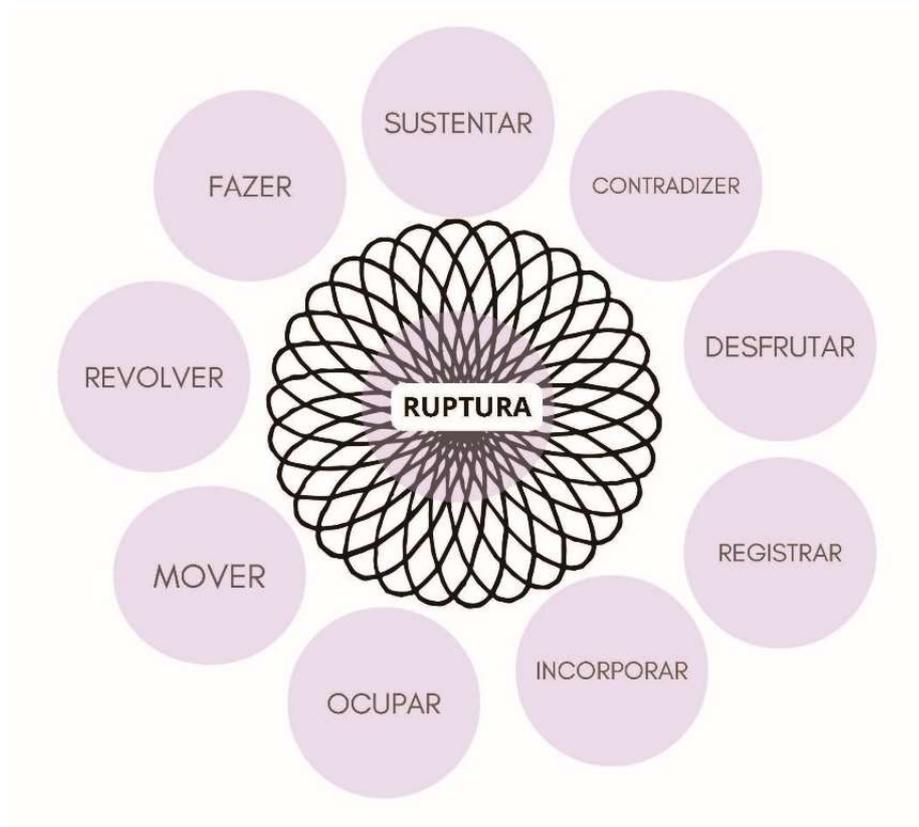
²⁶ DOM de iludir. Intérprete: Maria Creuza. Compositor: Caetano Veloso. *In*: MEIA noite. Intérprete: Maria Creuza. Rio de Janeiro: RCA Records, 1977. 1 disco de vinil, lado A, faixa 1 (3 min 40 s).

Fazer diferente do que aprendemos é ir contra o fluxo, é sustentar o desconforto, o desgaste de ir por um caminho que não está posto. É retornar ao novo em nós, o novo que não foi possível cumprir sua missão no mundo; inovar, explorar, descobrir. Fazer diferente é justo o que precisa ser feito. Talvez, aprendermos a sustentar a presença na escuridão para sermos capazes de perceber outras luzes. A vida, para se desenvolver, precisa da experiência da sombra, o sol não deixa de ser visto todas as noites à toa. A manutenção da luz a todo custo, a recusa ao ciclo de impermanência, restringe o viver, simplifica-o e, talvez, nem sobre muito do que é a vida, assombrosamente maior do que os espectros homogêneos que sequestram o corpo que somos; encarnar a si própria é um meio de romper, de perceber outras luzes naquilo que foi apagado em nós (Arendt, 1961; Brum, 2024).

5.1 HISTORINHA DO CAMINHAR: HONRA E BENÇÃO

Eu tenho a honra e a benção de compartilhar milímetros da mãe Terra com o ventre que me gerou. Ela tem podido acompanhar todo meu mover e não tenho dúvidas do quanto os meus passos reverberam nela. Sou testemunha do mover dela também. Desfazendo-se de suas armaduras, reconhecendo-as, abrindo-se para outros saberes e, simplesmente, fazendo diferente o tanto que pode: rompendo. Quando ambas vivíamos as armaduras mais intensamente, eu não poderia imaginar o quanto iria presenciar de abertura e rompimento em nossas trajetórias. Naqueles momentos mais áridos e restritos, pude contar com uma outra companhia muito especial que praticamente apresentou a abertura para mim, principalmente, o fazer pela arte, a criatividade pulsando das entranhas, o maravilhar-se com a magnitude do Universo, o amor no encontro e o crescer no vínculo. Essa companhia jamais me faria supor que, em 2018, o marco histórico que vivemos no Brasil, encerraria aquele ciclo. Definitivamente, os eixos existências foram alterados e mudanças profundas se cravaram no rumo dos acontecimentos. Perdemos e ganhamos, o saldo se afere exatamente a partir do quanto conseguimos fazer diferente para além do habitar a ilha umbilical. Meu coração se enche de orgulho de ter tido ao meu lado o ventre que me gerou, nossas batalhas eram as mesmas; grito e lágrimas pelo mesmo terror; e a beleza era sentida do mesmo ponto de percepção. Um tesouro, uma honra, uma benção! Com isso, posso ilustrar o mover-se na estrutura, a coexistência das possibilidades e dos estados, o ir e vir sobre, sob e entre eles. As armaduras ensinam, a abertura está disponível e romper pode ser sempre uma escolha para quem ocupa alguma posição de privilégio.

Figura 23 - Educação somática/Ruptura

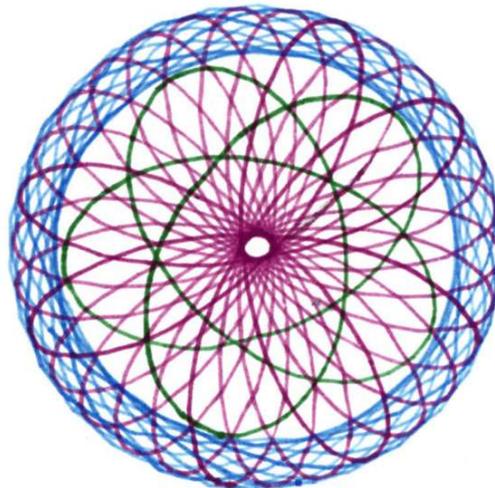


Fonte: Produção minha (2024).

6 ESTRUTURA

Ando à procura de espaço para o desenho da vida.
Em números me embaraço e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída, em vez de abrir um
compasso, projeto-me num abraço e gero uma
despedida.
(Maireles, 1983, p. 148)

Figura 24 - Estrutura



Fonte: Produção minha (2024).

Diante da matéria fina da vida, fluida, maleável e sensível, num mesmo ponto, podemos encontrar beleza e terror, pesar e celebrar porque se a sina do estar “infeliz não se nos ilumina, tampouco turva-se a lágrima”²⁷, nenhum sentir é final, devemos apenas continuar (Rilke, 1997).

Dessa maneira, porque somos corpo, caminhar entre os pontos das nossas histórias é o que nos capacita a estar com outras narrações, criações e invenções. Reconhecendo tudo que se encontra num único ponto e a infinidade de significados nele contida.

Corpo que também projeta tremor e vertigem nos rasgos de sua pregnância, em sua condição de ser selvagem. Corpo orgânico onde circula sangue, que exala o sopro vivificador. Corpo tátil que se arrepia com o toque de ternura, que se contorce de dor e de prazer nas proezas das vicissitudes humanas. Corpo que exala os feixes das ressonâncias magnéticas da vibração de suas energias. Corpo que nasce pentassensorial (com seus cinco sentidos) e que se desborda no multissensorial, na proporção em que as dimensões mais intuitivas, espirituosas e sutis são cultivadas e lapidadas nos processos de expansão de suas faculdades perceptivas, na fruição alargada das potencialidades humanas. Corpo andarilho que se envereda pelos riscos inaugurais e que inventa Sentidos nas in-tensidades do existir. Corpo metamorfose

²⁷ A Cajuína de Caetano Veloso outra vez.

que, na cambiância de seus ciclos, se renova e se reinventa continuamente (Araújo, 2008, p. 79).

O corpo que somos é metamorfose ambulante²⁸ porque esse é o fluxo da vida. O metabolismo da Terra é amor que reelabora os elementos e mantém o pulsar coletivo, é o nosso metabolismo também. Manter-se armadurada, numa velha opinião formada sobre tudo é negar o fluxo da vida. O desenho da ESTRUTURA é a união de todos os outros desenhos, abarcando todas as infinitudes de possibilidades de caminhos que podem sustentar nossa existência de muitos modos e maneiras. É a tentativa de demonstrar que é possível a despeito do feitiço que dissociou as pessoas dos ciclos naturais (Flecha 6, 2022).

Os modos armadurados persistem, mas a sustentação da abertura nos permite romper e delinear outros caminhos nas estruturas, irritar as fundações que mantêm as armaduras, remexer com os alicerces, desmoronar e reerguer. A etapa da ESTRUTURA é uma propositura que não se esgota, não finda, como um eco que deveria reverberar na vida e na educação para possibilitar a criação de outras narrativas de um estar criança no mundo. É um convite, sem dúvida, a resistir pela criação, reconhecer a reprodução do controle pela ARMADURA, e, propositadamente, negá-la, permitir a ABERTURA do saber, e escolher dedicar-se a um fazer que promova RUPTURA (Matos-de-Souza; Gaviria; Souza, 2018).

Assim como os outros estados, não finaliza, apenas continua, ao passo que nos restabelece a abertura originária do estado de criação inato ao que é vivo. Dessa maneira, integra-nos a partir de um posicionamento fluido, flexível que podemos adotar e que nos capacita a movermos entre os pontos de intersecção.

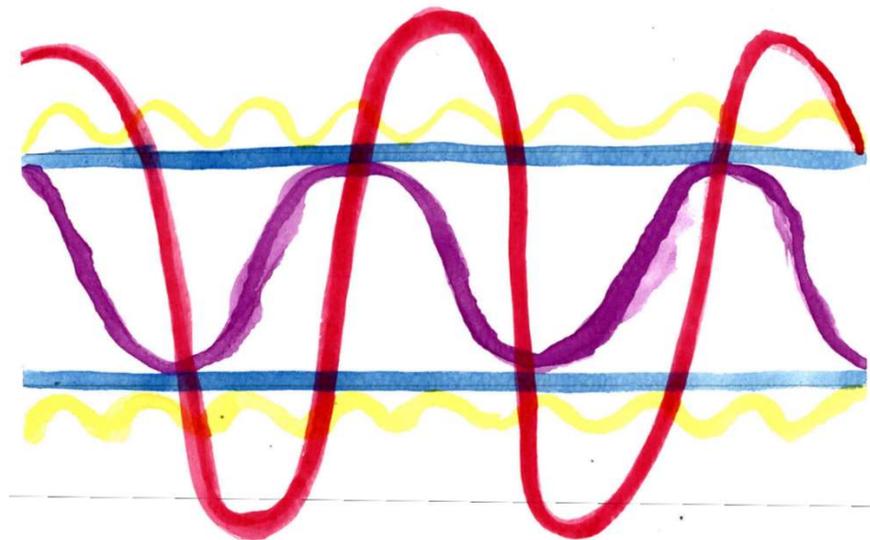
Nem um dos outros três estados de saber subsistem por si só, ninguém é só um estado puramente. Existem infinitas gradações contidas na estrutura do corpo que somos. A estrutura contém a si mesma e nos oferece a possibilidade de estar com todos os estados, podemos estar com tudo, sentir cada uma de nossas porções, suprimir é que nos retira da vida. Quando tentamos nos fixar em um ponto, em um único estado, estamos suprimindo a vida em nós.

Por conter todas as possibilidades de estados, a ESTRUTURA é um canto sem rodeios para nós mesmas. É, pode e deve ser o sentir da existência corpórea no máximo de contato que podemos com tudo. É o absoluto estar criança; em criação, invenção, contração e expansão, fluxo e refluxo, côncavo e convexo, com mover mesmo na fixação ou reprodução.

²⁸ METAMORFOSE ambulante. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas. *In*: KRIG-HA, Bandolo! Intérprete: Raul Seixas. São Paulo: Philips Records, 1973. 1 disco de vinil, lado A, faixa 3 (3 min 50 s).

Na tentativa de explicar esses movimentos, uso, atualmente, uma das minhas aquarelas – antes era um desenho com canetas coloridas mais preciso. Gosto desse, em especial, porque as linhas e curvas não são precisas, como viver não é preciso, por mais que tentemos enquadrar, regular, controlar, viver escapa, escapole. Assim, importa o quanto aprendemos a estar com tudo, entrar em contato com nossas histórias; o que nos ajuda, conforta, apoia; o que nos faz avançar, mas também a estar com o que trava. Buscar por um platô de estabilidade, onde nada nos afeta, retira-nos do balanço necessário ao equilíbrio conosco e com o meio.

Figura 25 - Curva de estados



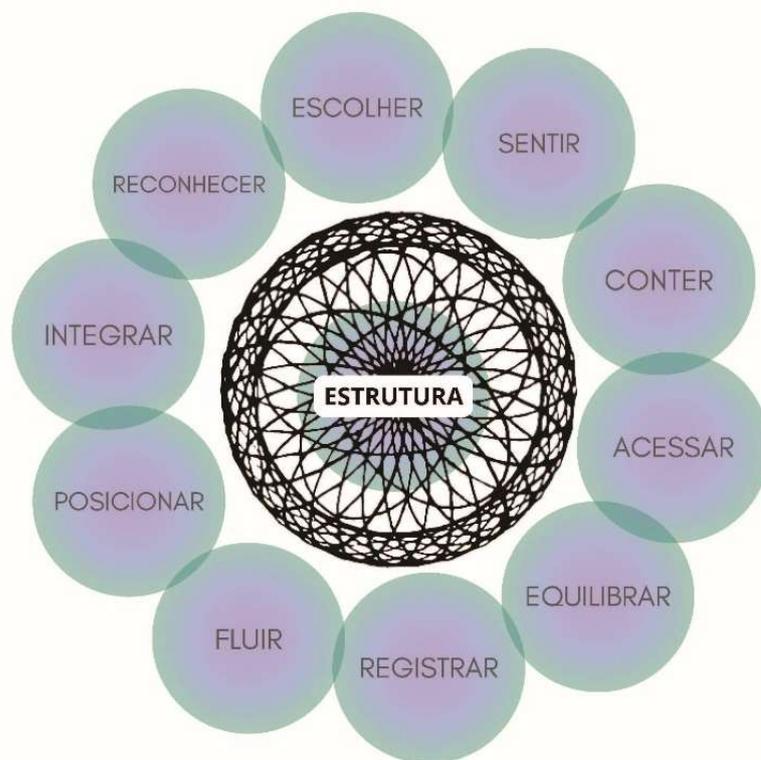
Fonte: Produção minha (2024).

Na Figura 25, as linhas azuis são o que eu chamo de ponderável, quando as oscilações, a linha roxa, ocorrem com muita abertura e acesso às possibilidades, aos recursos que nos ajudam e apoiam, incluindo aqui os privilégios das posições que ocupamos socialmente, propício ao fazer que rompe com as armaduras. A linha vermelha são os estados críticos, onde, em algum ponto, somos tomadas pelo acontecimento e é mais difícil fazer contato com as possibilidades de conforto e apoio. As linhas amarelas são os estados mais fixados, armadurados e com pouca abertura. Esse desenho é a representação de que toda mudança implica um mover entre pontos, de algo que se sedimentou como estado para acender a um novo estado, um continuar incessante que prescinde de cronologias e linearidade, não está suspenso, está na presença (Bois, 2008).

Cabe retomar a importância dos registros da novidade que chega quando nos movemos entre esses pontos e ampliamos nossa capacidade de percepção para nós mesmas, para o entorno

e para os encontros. Saber muito bem nosso fazer, nosso mover, acontece pelo registro do novo. O que vivemos primeiro e por mais tempo se constitui, muitas vezes, nas armaduras, o caminho apertado, moldado, padronizado que sempre vai nos convocar com a força que ele tem; a mudança de percepção, acessar um novo saber se dá primeiro pela abertura; depois pelo fazer, a ruptura, a qual precisa se sedimentar como possível, acessível. Registro o sentir fazendo, sinto o fazer registrando, faço o registro sentido, “tecer, ser teia, tecido e quem tece”²⁹.

Figura 26 - Educação somática/Estrutura



Fonte: Produção minha (2024).

6.1 HISTORINHA DO CAMINHAR: CONFLUÊNCIA

As historinhas anteriores têm confluência também. Acredito que toda historinha seja sobre confluência, talvez em sentidos distintos e diversos, mas essa tem mais para mim. Quase na reta final da feitura deste trabalho, fui acometida por uma fenda nas cordas vocais. Fruto de tantas explanações e expressões do meu fazer ensinante-aprendente apaixonado. Tentei o tratamento fonoaudiológico, mas me pareceu mecânico e restrito demais para o corpo que sou e para a

²⁹ Palavras de uma grande amiga, uma irmã da vida, que me disse isso quando mostrei a ela os desenhos que apresento aqui.

totalidade que nos compreende. Buscava algo que integrasse mais minhas estruturas e me percebesse para além de uma pequena porção porque, quando uma parte de nós quebra, sempre é um convite para olharmos nosso todo. Minha amiga Silvana me lembrou de uma profissional rolfista, Marcella Hausen. O rolfing é um método de integração estrutural que contribui para a fluência do movimento e equilíbrio através da liberação das fâscias pelo toque somático e estímulo da percepção corporal, qualquer semelhança de palavras não é mera coincidência porque os saberes vitais se interconectam. Desde a primeira sessão, diante de toda mobilização que estar com minhas porções causa, fui provocada a expressar o sentir outra vez pela pintura. A pintura que ilustra a capa desta dissertação é uma delas. Ela integra não somente o que senti especificamente naquele dia, mas o sonho da noite anterior e tudo o que me atravessava na culminância deste ciclo. A travessia, o obscuro, o seguir contra todos os obstáculos, vida-morte-vida, o velho, o novo, o corpo, a carne, mas, principalmente, a honestidade comigo mesma, o saber sobre mim, sobre meu entorno, a atenção com os finais, as mudanças, não só as agradáveis, as trágicas e inevitáveis resultado de tantas escolhas juntas. Toda uma estrutura. A música como arte do saber também me acompanhou. Eu gosto da surpresa do rádio, da equalização das frequências e do presente vindo do universo: receber um canto sobre mim e sobre a vida. Em duas das saídas do encontro com Marcella, que também se tornou uma amiga, eu ganhei esse tipo de presente. Uma vez ganhei *Como nossos pais*, de Belchior e eternizada por Elis Regina, devidamente incluída na seção 2. Outra vez, também de Belchior, *A palo seco*. Até então, eu não sabia o que significava a expressão título da canção, mas a letra ressoou imediatamente. É justamente meu desejo neste trabalho e na vida: que o nosso próprio canto torto, feito faca, corte a nossa carne, faça-nos sentir para viver, que o terror possa nos acordar para a beleza e que a beleza nos alargue para estar com o terror. Bom, pesquisei depois o significado da expressão e descobri que além de um ritmo musical em que a cantante é acompanhada somente por palmas, significava franco, direto e sem rodeios – mais uma semelhança que não é mera coincidência. Descobri também que Belchior fez a canção inspirado no poema de João Cabral de Melo Neto, mais um nome nordestino por aqui. Deixo aqui meu deslumbramento por esse poema estruturado e publicado, primeiramente, no livro *Quaderna*, em Lisboa, no ano de 1960, mas conheci incluso no livro *A educação pela pedra* (Melo Neto, 2008). Não existem coincidências, confluímos com o todo do qual somos parte. O ar nos une.

A palo seco, de João Cabral de Melo Neto (2008)

1.1.

*Se diz a palo seco
o cante sem guitarra;
o cante sem; o cante;
o cante sem mais nada;
se diz a palo seco
a esse cante despido:
ao cante que se canta
sob o silêncio a pino.*

1.2.

*O cante a palo seco
é o cante mais só:
é cantar num deserto
devassado de sol;
é o mesmo que cantar
num deserto sem sombra
em que a voz só dispõe
do que ela mesma ponha.*

1.3.

*O cante a palo seco
é um cante desarmado:
só a lâmina da voz
sem a arma do braço;
que o cante a palo seco
sem tempero ou ajuda
tem de abrir o silêncio
com sua chama nua.*

1.4.

*O cante a palo seco
não é um cante a esmo:
exige ser cantado
com todo o ser aberto;
é um cante que exige
o ser-se ao meio-dia,
que é quando a sombra foge
e não medra a magia.*

2.1.

*O silêncio é um metal
de epiderme gelada,
sempre incapaz das ondas
imediatas da água;
A pele do silêncio
pouca coisa arrepia:
o cante a palo seco
de diamante precisa.*

2.2.

*Ou o silêncio é pesado,
é um líquido denso,
que jamais colabora
nem ajuda com ecos;
mais bem, esmaga o cante
e afoga-o, se indefeso:
a palo seco é um cante
submarino ao silêncio.*

2.3.

*Ou o silêncio é levíssimo,
é líquido e sutil
que se ecoa nas frestas
que no cante sentiu;
o silêncio paciente
vagaroso se infiltra,
apodrecendo o cante
de dentro, pela espinha.*

2.4.

*Ou o silêncio é uma tela
que difícil se rasga
e que quando se rasga
não demora rasgada;
quando a voz cessa, a tela
se apressa em se emendar:
tela que fosse de água,
ou como tela de ar.*

3.1.

*A palo seco é o cante
de todos mais lacônico,
mesmo quando pareça
estirar-se um quilômetro:
enfrentar o silêncio
assim despido e pouco
tem de forçosamente
deixar mais curto o fôlego.*

3.2.

*A palo seco é o cante
de grito mais extremo:
tem de subir mais alto
que onde sobe o silêncio;
é cantar contra a queda,
é um cante para cima,
em que se há de subir
cortando, e contra a fibra.*

3.3.

*A palo seco é o cante
de caminhar mais lento:
por ser a contra-pelo,
por ser a contra-vento;
é cante que caminha
com passo paciente:
o vento do silêncio
tem a fibra de dente.*

3.4.

*A palo seco é o cante
que mostra mais soberba;
e que não se oferece:
que se toma ou se deixa;
cante que não se enfeita,
que tanto se lhe dá;
é cante que não canta,
cante que aí está.*

4.1.

*A palo seco canta
o pássaro sem bosque,
por exemplo: pousado
sobre um fio de cobre;
a palo seco canta
ainda melhor esse fio
quando sem qualquer pássaro
dá o seu assovio.*

4.2.

*A palo seco cantam
a bigorna e o martelo,
o ferro sobre a pedra
o ferro contra o ferro;
a palo seco canta
aquele outro ferreiro:
o pássaro araponga
que inventa o próprio ferro.*

...

4.4

*Eis uns poucos exemplos
de ser a palo seco,
dos quais se retirar
higiene ou conselho:
não o de aceitar o seco
por resignadamente,
mas de empregar o seco
porque é mais contundente.*

7 O QUE VAI ACONTECER JÁ ESTÁ ACONTECENDO

O porquê das coisas chega sempre atrasado
e assim se mantém pontualíssimo.
(Tassa, 2023)

Figura 27 - O que vai acontecer já está acontecendo



Fonte: Laura Berbert (<https://lauraberbert.com/>)

O ponto de observação interfere em como o tempo é percebido. Na flexibilidade do cosmos, cada corpo que irrompe é um novo desenho que pode transformar tudo ao redor. “Nada existe por si só, tudo existe porque há uma dança”, transformamo-nos entre si numa profusão de possibilidades, entre ordem e desordem, organização e desorganização, mas como percebemos tudo isso difere de acordo com nossa posição (Flecha 6, 2022, p. 3). Por isso, é necessário se deslocar para perceber, sentir de outras maneiras. Cada uma de nós que embarca na vida é uma colaboradora da mesma casa compartilhada: a Terra. Cada mover constrói e reconstrói o mesmo lugar. “Fluir é uma aprendizagem. Alguns pelo controle, outros pela colaboração” (Flecha 6, 2022, p. 12).

Reconhecendo as armaduras do controle sobre mim é justamente quando sou capaz de colaborar. Percebendo minhas desorganizações, consigo elaborar alguma organização, da mesma forma que posso sentir que algumas organizações precisam, na verdade, serem exata e completamente desorganizadas.

Neste percurso, um guia precioso foi o tempo e o aprendizado de ser guiada por ele. Poder acompanhar o processo e perceber que sementes lançadas tanto tempo atrás, muito antes, puderam germinar e brotar justo agora. Outras que foram descobertas e lançadas agora, não posso saber quando nem se germinarão. Aprendi também a colher, uma lição geniosa porque pelo mistério da vida sabemos, nem sempre, onde plantamos, mas nunca saberemos quando e onde vamos poder colher. Sou agraciada por ter colhido de tantas árvores frondosas, com sombras generosas e frutos deliciosos, cujo sabor não distingue doce, amargo, azedo, salgado ou picante, tudo é divino, maravilhoso; depende de atenção!³⁰

E como também diz a canção, agora num contexto levemente distinto, não temos tempo de temer a morte. Precisamos aprender sobre isso. Em entrevista cedida a Julián Fuks, Adélia Prado (2005) diz que falar da morte intensifica a vida: “A morte é realmente o último inimigo, o mais apavorante, mas é da nossa condição e nos planta na realidade”. Não há vida sem morte e tem gente morrendo sem poder viver. Quem está vivendo precisa se plantar na realidade, precisa fazer alguma coisa, o mínimo. É o que faço, quando pauso, questiono, contemplo, pertenço ao universo e experimento morrer para intensificar a vida. Morrer principalmente como pessoa humana que se pretende única forma de vida interessante na Terra, morrer como alguém que pisa o chão para ser o próprio chão, pisado, revirado e vivido.

Assim, este trabalho se concretizou numa busca que segue ainda seu curso, através de uma ocupação dos meus agoras, pesquisadora de mim mesma, um exercício de presença nos pontos mais obtusos e nas curvas mais sinuosas; nos vales e planícies do meu saber-poder-fazer e no fluir das águas irmãs que escoam para o céu no horizonte do meu sonhar.

Meu sonhar e o meu saber-poder-fazer, tecidos com risos e lágrimas, dores e gozos, lutas e glórias, idas e vindas, vida-morte-vida, são um presente para mim e sinto que sou tão generosamente agraciada que partilho. Acho que meu pai não sabia que quando disse a meu respeito: “É uma sonhadora!”, estava tendo uma visão e lançando sobre mim o mais belo dos encantos!

³⁰ Alusão à canção *Divino, maravilhoso*, eternizada na voz da saudosa Gal Costa. DIVINO maravilhoso. Intérprete: Gal Costa. Compositores: Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: GAL Costa. Intérprete: Gal Costa. São Paulo: Phonogram, 1969. 1 disco vinil, lado B, faixa 2 (4 min 23 s).

Eu sonho, escrevo, sei, posso e faço, sigo sendo muito pouco e estando muito, tudo que a mim se apresenta, tudo que consigo e tudo que invento; sempre mais possibilidades de estar. Cursar este mestrado foi mais uma das minhas invenções e, podendo, deixei ele me atravessar, mas também atravessei ele. Pude estar com suas armaduras, provoquei aberturas, rompi com e sem modos; passei, paralisei e performei nessa estrutura.

E, agora, ao fim dele, mas não de minhas invenções, assumo que sonho e faço uma educação pelo estar criança, por lições do aprendizado de estar tudo que é possível, para ser o pouco que somos; que capte o sentir do corpo lugar primeiro da existência, frequentando-o; que sendo maleável aos ditames, possa resistir; que dance com a vida, com nossa carnadura poética; que de dentro para fora a cartilha possa ser outra; que reconhecendo-nos corpo de nascença, possa nos transformar pelo estranhamento, mas também pelo amar.³¹

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (Krenak, 2019, p. 32-33).

Cumprindo com o desejo de apresentar a autopercepção como um saber para si, para o corpo que somos através do meu exercício de ensinar-aprender, dentro das minhas capacidades inventivas, fruto da subjetividade e da tentativa persistente de perceber e compartilhar o todo do qual somos ínfimas partes, criei um panfleto-convite-manifesto com o título *Viagem ao corpo que sou*, que demonstra ações que descrevi aqui e considero primordiais para o fazer e o saber que vivo, ensino e aprendo: pausar, sentir, perguntar e registrar.

O panfleto-convite-manifesto consta como Apêndice em formato de páginas sequenciadas, mas ele foi idealizado e realizado em formato fanzine, que recorre à impressão por meio da serigrafia e à dobradura de papel, como modo de facilitar o acesso e fazer circular alguma informação, um saber. O fazer e o saber juntos. Foi uma maneira que encontrei para que a arte e a ciência ultrapassassem as fronteiras dos muros da dissertação.

³¹ Paráfrase do poema “Educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto (2008).

FONTES DE INCORPORAÇÕES

A VIDA não basta. Direção de Caio Tozzi e Pedro Ferrarini. Brasil: Dois Ventos / Vila Filmes, 2013. (85 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ntak7x1tzc>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AKOMOLAFE, Bayo. The lines that whisper us. **Bayo Akomolafe**, 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.bayoakomolafe.net/post/the-lines-that-whisper-us-rethinking-agency-and-accountability-in-the-middle-east-through-the-more-than-human>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ALMEIDA, Melissa Rodrigues de; GOMES, Rogério Miranda. Medicalização Social e Educação: Contribuições da Teoria da Determinação Social do Processo Saúde-Doença. **Nuances - Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 155-175, 2014. DOI: 10.14572/nuances.v25i1.2728.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 1-8, 2003.

ALVES, Rubem. **A pedagogia dos caracóis**. Campinas, SP: Verus, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. *In: A Rosa do Povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.

ANGELL, Marcia. A epidemia de doença mental. **Revista Piauí**, ed. 59, ago 2011. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-epidemia-de-doenca-mental/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ARAÚJO, Hugo Filgueiras. **A estetização da alma pelo corpo no Fédon de Platão**. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade**: sua fruição no fenômeno do educar. Salvador: EDUFBA, 2008.

ARENDT, Hannah. The crisis in Education. *In: Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought*, New York: Viking Press, 1961, p. 173-196.

AYDAR, Catarina. **Teia Cósmica**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2024. (Cadernos Selvagem)

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BOIS, Danis. **O eu renovado**: Introdução à Somato-psicopedagogia. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras, 2008.

BOIS, Danis; RUGIRA, Jeanne-Marie. Relação com o corpo de narrativas de vida. *In*: SOUZA, Eliseu Clementino (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BONZI, Ramón Stock. Meio século de primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 28, p. 207-215, 2013. DOI: 10.5380/dma.v28i0.31007.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **Banheiro òkòtó**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BURBANO, Leider Harcides Hoyos. **Alvaro Ulcué Chocué**: Un Nasa pal sentipensador. 2019. Tesis (Maestría en Ciencias Humanas y Sociales) – Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad del Cauca, Papayán, 2019.

CASTELLANOS, Nazareth. **El Espejo del Cerebro**. Madrid: Editorial La Huerta Grande, 2023.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Maria José Cardoso. São Paulo: Pórtico, 1962.

CASTRO, Daniel Stella. Um Estudo Sobre o Conceito de Natureza. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 38, p. 17–30, 2019. DOI: 10.11606/rdg.v38i1.155804.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Subjetivação radical do mundo**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023. (Cadernos Selvagem)

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

CLARK, Lygia. **Eu e Francis discutimos muito sobre meu trabalho**. [Diário 1]. 1971. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/65620/eu-e-francis-discutimos-muito-sobre-meu-trabalho-diario-1>. Acesso em: 15 nov. 2024.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Preconceitos no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. 3. ed. Edição eletrônica: Ed. da autora, 2016.

CONRAD, Peter. Medicalization and Social Control. **Annual Review of Sociology**, v. 18, p. 209-232, 1992. DOI:10.1146/annurev.so.18.080192.001233.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Georgina Dora Vicente. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ELIANE Brum | Adentrar a escuridão. 2024. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal O Lugar. Disponível em: <https://youtu.be/kiBQCLPCUKs?si=aYqXTCbUjJ5SdWeD>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FEITOSA, Maria Thereza Frota Leão. **Experiências em Eutonia**: interfaces de contato. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FINGER, Matthias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. *In*: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução de Maria Nóvoa. 2. ed. – Natal: EDUFRN, 2014.

FLECHA 6. **Tempo e amor**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2022. (Cadernos Selvagem)

FÓRUM sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Manifesto Desmedicalizante e Interseccional: “existirmos, a que será que se destina?”. **Movimento**, v. 7, n. 15, p. 194-204, 2020.

FRANCO, Manoela. **Oráculo Somático**: 31 perguntas para se desvendar da pele para dentro. 1. ed. Salvador: JM Gráfica e Editora, 2022.

FRANCO, Manoela. Educação somática: um caminho pelos estados de criança (fomos-somos-cuidamos). *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 10., 2024, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2024. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675/802528-educacao-somatica--um-caminho-pelos-estados-de-crianca--\(fomos--somos--cuidamos\)/](https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675/802528-educacao-somatica--um-caminho-pelos-estados-de-crianca--(fomos--somos--cuidamos)/). Acesso em: 15 nov. 2024.

FREIRE, Karine; DEL GAUDIO, Chiara. Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes. *In*: LEITÃO, Renata Marques *et al.* (eds.). **Pivot Conference Proceedings 2021: Dismantling/Reassembling**, 22-23 July, Toronto, Canada, Design Research Society. Toronto, CA: Design Research Society, 2021, p. 269-275. DOI: 10.21606/pluriversal.2021.0027.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. Campinas, SP: Autores Associados. Cortez, 2011.

FROEHLICH, José Marcos; BRAIDA, Celso Reni. Antinomias pós-modernas sobre a natureza. **História, Ciências, Saúde**, Manginhos-RJ, v. 17, n. 3, p. 627-641, 2010.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: L&PM, 1994.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. 3.ed. São Paulo: Martins Fonte, 2014.

GUTIERREZ, José Julián López; BRANDÃO, Maria Fernanda Barros de O. A medicalização como estratégia de controle social. *In*: VIÉGAS, Lygia de Sousa; OLIVEIRA, Elaine Cristina de; MESSEDER NETO, Hélio da Silva (org.). **Existirmos, a que será que se destina?**: Medicalização da vida e formas de resistência. Salvador: EDUFBA, 2023, p. 195-215.

HARAYAMA, Rui Massato; RIBEIRO, Maria Izabel. Prefácio. *In*: VIÉGAS, Lygia de Sousa; OLIVEIRA, Elaine Cristina de; MESSEDER NETO, Hélio da Silva (org.). **Existirmos, a que será que se destina?**: Medicalização da vida e formas de resistência. Salvador: EDUFBA, 2023, p. 19-26.

HARPER, Babette *et al.* **Cuidado, Escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2012.

KILOMBA, Grada *et al.* Coreografias do impossível. *In*: BIENAL DE SÃO PAULO, 35., São Paulo, 2022. Disponível em: <http://35.bienal.org.br/sobre-a-35a/>. Acesso em: 15 set. 2024.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Tradução de Sylvia Patricia Nascimento Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022a.

KRENAK, Ailton. “A humanidade está entrando em convulsão. Não tem nada a ver com revolução”, entrevista com Ailton Krenak. [Entrevista cedida a] Érico Andrade. **Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia**, 12 out. 2022. [2022b] Disponível em: <https://anpof.org.br/comunicacoes/entrevistas/a-humanidade-esta-entrando-em-convulsao-nao-tem-nada-a-ver-com-revolucao-entrevista-com-ailton-krenak>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KRENAK, Ailton. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

LEVINE, Peter A. **Uma voz sem palavras**: como o corpo libera o trauma e restaura o bem-estar. Tradução de Carlos Silveira Mendes Rosa e Cláudia Cruz. São Paulo: Summus, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LÓPEZ, Sandra Liliana Burbano. **Rasgos culturales de la comunidad Nasa y sus aportes contextuales para una educación intercultural**. 2012. Tesis (Maestría en Educación) – Facultad de Educación, Universidad de San Buenaventura, Cali, 2012.

LUNDY, Miranda. **Geometria Sagrada**. [S.l.]: Editora Ontro, 2000.

LYGIA Clark. Memória do corpo. Direção de Mário Carneiro. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1985. 1 VHS (30 min).

MACEDO, Roberto Sidnei; GALLEFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACKESY, Charlie. **O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo**. Tradução de Livia de Almeida. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

MAGALDI, Felipe Sales. A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira. **História, Ciências, Saúde**, Manginhos-RJ, v. 25, n.1, p. 69-88, 2018.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria-RS, n. 26, p. 63-81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINEAU, John. **O livro das coincidências**: a misteriosa harmonia dos planetas. São Paulo: É realizações, 2015.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica: outros tempos, outras narrativas e outra universidade. **Revista UFG**, Goiânia, v. 22, n. 28, p. e22.72988 (1-31), 2022. DOI: 10.5216/revufg.v22.72988.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Olvidar Larrosa. Orientaciones posoccidentales para leer la modernidad. **Praxis Pedagógica**, Bogotá (Colômbia), v. 24, n. 37, p. 49-71, 2024.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo.; GAVIRIA, Ricardo Castaño; SOUZA, Eliseu Clementino. Pedagogía de la resistencia: la negación como pieza de (de)formación. **Praxis Educativa**, Santa Rosa, v. 22, n. 2, p. 94-111, 2018. DOI: 10.19137/praxiseducativa-2018-220209.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas do Entendimento Humano**. 5. ed. Campinas, SP: Psy, 1995.

MEDEIROS, Emerson Augusto; AGUIAR, Ana Lúcia. O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 27, p. 149-166, 2018. DOI: 10.20952/revtee.v11i27.7884.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1983.

MEIRELES, Cecília. **Viagem**. Lisboa: Editorial Imperio, 1942. Disponível em <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/viagem.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MELLO, Sylvia Leser de; PATTO, Maria Helena Souza. Psicologia da violência ou violência da psicologia?. **Psicologia USP, [S. l.]**, v. 19, n. 4, p. 591-594, 2008. DOI: 10.1590/S0103-65642008000400013.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

MILLER, Alice. **A revolta do corpo**. Tradução de Gercélia Nélio Schneider. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira. *et al.* (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

MORAES, Marcia. Escrita e formação: entre os cadernos de anotar a vida e os cadernos de pesquisa. In: MACHADO, Adriana Marcondes; CARDOSO, Sílvia Galesso (org.). **A escrita como exercício em processos formativos**. São Paulo: Blucher, 2021, p. 7-12. DOI: 10.5151/9786555501155.

NASCIMENTO, Letícia Carolina; SANTOS, Vanessa Nunes dos; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Infâncias ingovernáveis: aprendizagens e proteção social. In: FRANÇA,

Rosilene Marques Sobrinho de; COSTA, Teresa Cristina Moura (org.). **Questão social, direitos e políticas públicas na realidade brasileira contemporânea**. Teresina: EDUFPI, 2022, p. 317-338.

NUNES, Rosa. E se, em vez de menores falássemos de crianças? (com Pierre Bourdieu por inspiração). *In*: OLIVEIRA, Elaine Cristina *et al.* (org.) **Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida**. Salvador: EDUFBA, 2021.

O EXÍLIO. *In*: Paulo Freire, um homem do mundo. Direção de Cristiano Burlan, Série documental. Brasil: SescTV, 2018. Temporada 1, episódio 3 (52 min). Disponível em: <http://sectv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/>. Acesso em: 15 set. 2024.

O SEGREDO das baleias. Direção de Brian Armstrong e Andy Mitchell. Série documental. [S.l.]: National Geographic/Disney+, 2021. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/o-segre-do-das-baleias/3aHpgjYaJTM5>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PANADÉS, Julia. Corpo em obra. **Artefilosofia**, n. 27, p. 251-265, 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. O que a História pode nos dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-Educação. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **Psicologia e Compromisso Social**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 29-35.

PATTO, Maria Helena Souza. **Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022. DOI: 10.11606/9786587596310.

PIRES, Aliny. **O Sol como fonte de energia, maestria, inspiração**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2024. (Cadernos Selvagem)

PORDEUS, Vitor. Arte e Ciência. **Universidade Popular de Arte e Ciência**, 4 out. 2010. Disponível em: <https://universidadepopulararteciencia.blogspot.com/2010/10/arte-e-ciencia.html>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PRADO, Adélia. Adélia Prado faz reflexão sobre a morte e o inefável. [Entrevista cedida a] Julián Fuks. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200516.htm>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PRADO, Adélia. **Reunião de Poesia**. 8 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

REIS, Renato Hilario dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um Jovem Poeta**. Tradução de Paulo Rónai. 28. ed. São Paulo: Globo, 1997.

SARAMAGO, José. “A minha casa é Lanzarote”. [Entrevista cedida a] Alexandra Lucas Coelho. **Público**, Lisboa, 14 out. 1998. Disponível em: <https://static.publico.pt/docs/cm/f/autores/joseSaramago/entrevistaSaramago.htm>. Acesso em 15 nov. 2024.

SILVA, Franklin Leopoldo e. A perda da experiência da formação na universidade contemporânea. **Tempo Social**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 27-37, 2001.

SIMARD, Suzanne. How trees talk to each other?. **TED**, 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/suzanne_simard_how_trees_talk_to_each_other?language=pt#t-664363. Acesso em: 15 nov. 2024.

SIMARD, Suzanne. **A árvore-mãe**: descobrindo a sabedoria da floresta. Tradução de Ana Luísa Amaral. São Paulo: Zahar, 2022.

SLOMINSKI, Juliano; ALMEIDA, Rogério Miranda de. A concepção de corpo na filosofia grega e nas escrituras. **Helleniká – Revista Cultural**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 39-54, 2019. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/71>. Acesso em: 24 nov. 2024.

SOUZA, Eliseu Clementino; PASSEGGI, Maria da Conceição. Dossiê (auto)biografia e educação: pesquisa e práticas de formação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 327-332, 2011.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 14.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2014.

SUASSUNA, Ariano. Discurso de posse. **Academia Brasileira de Letras**, 9 ago. 1990. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/discurso-de-posse>. Acesso em: 15 nov. 2024.

TASSA, Paulo. Inauguração, crônica de Paulo Tassa. **LiteraturaBr**, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://www.literaturabr.com/2023/01/19/inauguracao-cronica-de-paulo-geovane/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

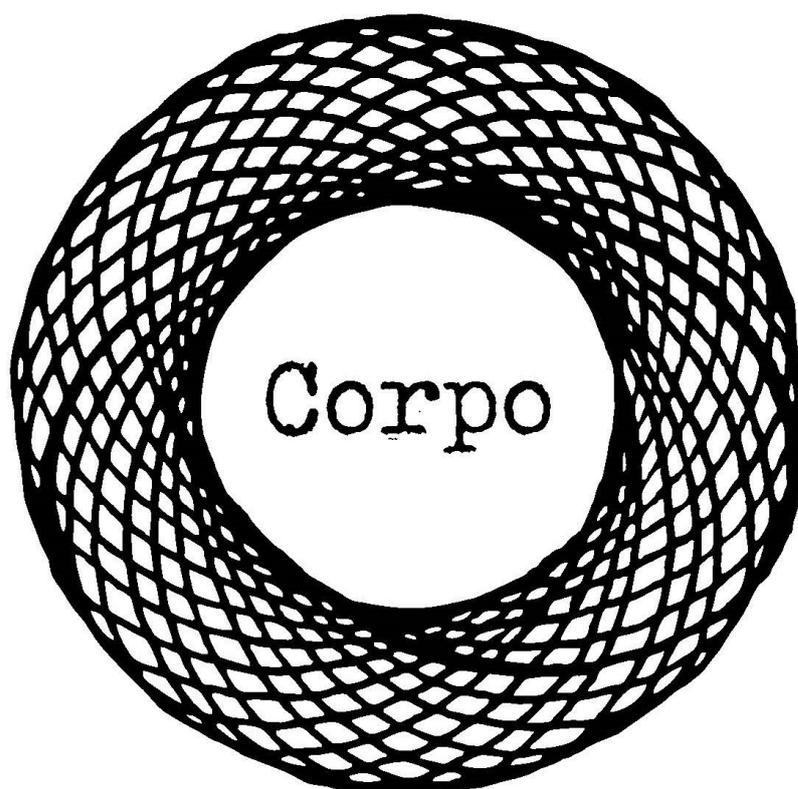
UM LUGAR bem longe daqui. Direção de Olivia Newman. Estados Unidos: Columbia Pictures / 3000 Pictures / Hello Sunshine, 2022. (125 min).

WILLEMART, Philippe. Tempo e memória em árvores e nos seres humanos. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 46, p. 9-20, 2022. DOI: 10.1590/2596-304x20222446pw.

ZARDOZ. Direção de John Boorman. Reino Unido: 20th Century Fox, 1974. (105 min).

APÊNDICE – VIAGEM AO CORPO QUE SOU

Viagem ao



que SOU

Criado por  Manoela Franco

DESTINAÇÕES

Este impresso artesanal e independente é fruto da minha pesquisa de mestrado intitulada:

educação somática:
um caminho pelos estados de criança
(fomos - estamos - cuidamos)

Para ler mais a respeito do conteúdo trazido aqui, você pode acessar a dissertação assim que ela estiver disponível no Repositório da UFBA.

Entretanto, a ideia, AQUI E AGORA,
é que você possa trilhar um caminho único
que somente o corpo que você é
pode lhe destinar.

Independente de conceitos e regras:

PAUSE

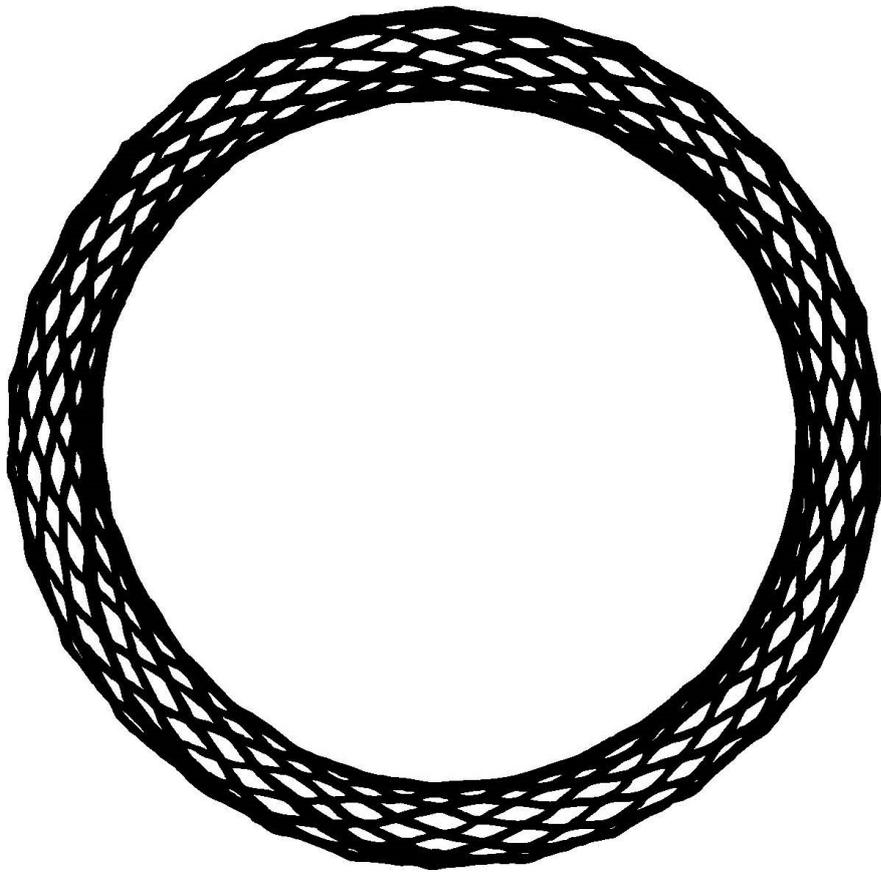
CONNECTE-SE com as imagens

SINTA as perguntas

As respostas virão imediatamente ou não.

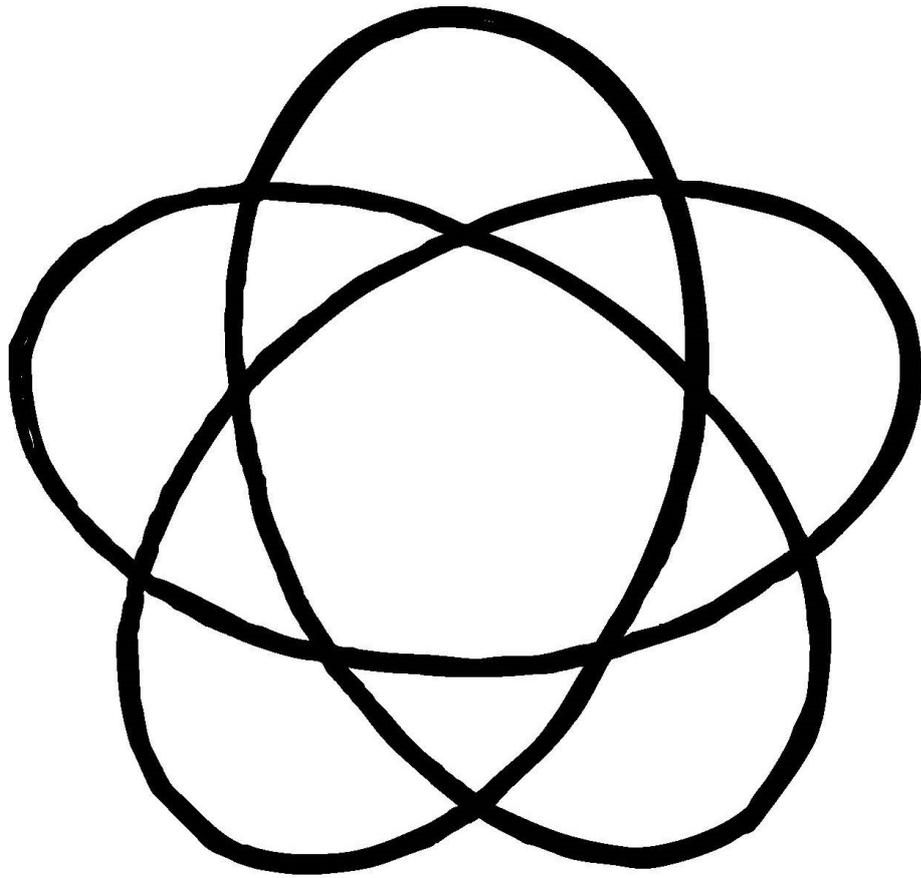
CONTE com o TEMPO!

Armadura



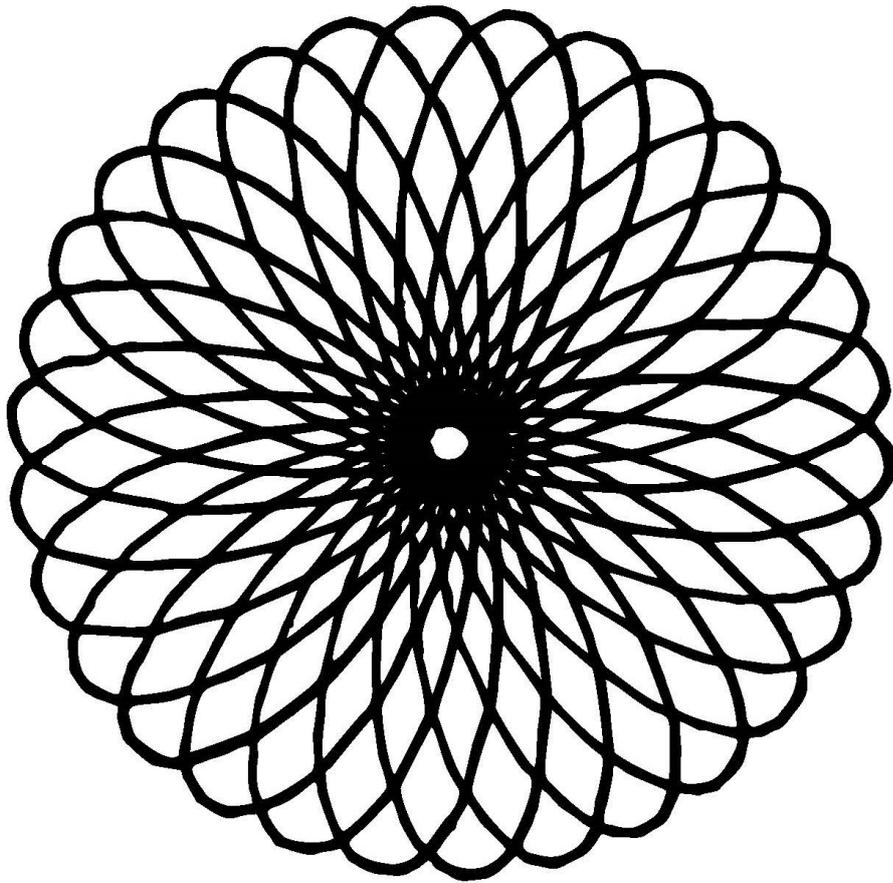
O que me limita?

Abertura



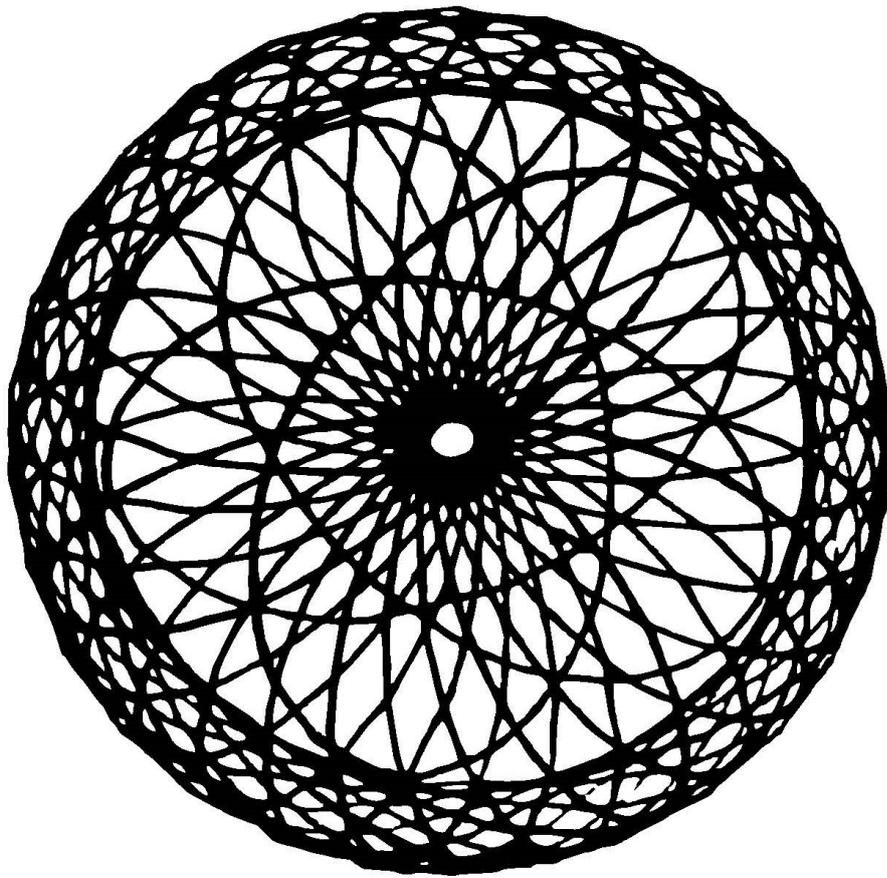
O que me expande?

Ruptura



Como ocupo novos espaços?

Estrutura



Como contendo o pouco que sou,
o que já estive e tudo que posso estar?

Registre aqui suas percepções.

Se forem muitas (espero que sejam),
desfrute de todo espaço do verso!

CONTE com o TEMPO outra vez!